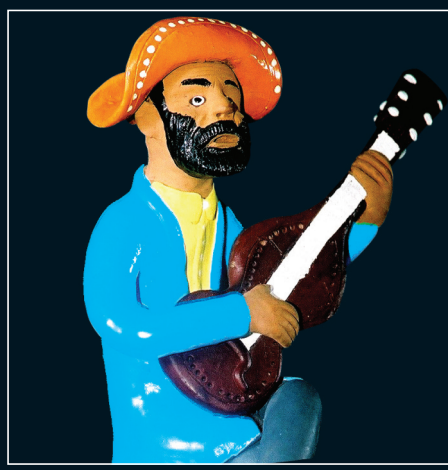
IPHAN

{ Feira de Caruaru }



DOSSIÊ IPHAN 9 { Feira de Caruaru }



DOSSIÊ IPHAN 9 { Feira de Caruaru }


MILHO
PICOLE
LEVE FUMO

A Feira de Caruaru
Faz gosto a gente ver
De tudo que há no mundo
Nela tem pra vender
Na Feira de Caruaru...

(Trecho da mûsica
"A Feira de Caruaru"
de Onildo Almeida)

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA
Juca Ferreira

PRESIDENTE DO IPHAN
Luiz Fernando de Almeida

CHEFE DE GABINETE
Fernanda Pereira

PROCURADOR-CHEFE FEDERAL
Antonio Fernando Neri

DIRETORA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
Marcia Sant'Anna

DIRETOR DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
Dalmo Vieira Filho

DIRETORA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Maria Emília Nascimento Santos

DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Márcia Helena Gonçalves Rollemberg

SUPERINTENDENTE DO IPHAN EM PERNAMBUCO
Frederico Faria Neves Almeida

Departamento do Patrimônio Imaterial

COORDENADORA-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO
Ana Gita de Oliveira

COORDENADORA DE IDENTIFICAÇÃO
Monia Silvestrin

COORDENADORA DE REGISTRO
Claudia Marina Vasques

COORDENADORA-GERAL DE SALVAGUARDA
Teresa Maria Cotrim de Paiva Chaves

COORDENADORA DE APOIO À SUSTENTABILIDADE
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

DIRETORA
Claudia Marcia Ferreira

CHEFE DA DIVISÃO TÉCNICA
Lucia Yunes

CHEFE DO SETOR DE PESQUISA
Ricardo Gomes Lima

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
SBN Quadra 2 Edifício Central Brasília 1º andar
Cep: 70.040-904 – Brasília-DF
Telefones: (61) 2024-6135, 2024-6137
www.iphan.gov.br – dpi@iphan.gov.br

CENTRO NACIONAL DE CULTURA POPULAR
Rua do Catete, 179
CEP: 22.220-000 – Catete-RJ
www.cnfcp.gov.br – difusao.folclore@iphan.gov.br

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ministério da Cultura

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Edição do Dossiê

TEXTO
Bartolomeu Figuerôa

EDIÇÃO DE TEXTO E COPIDESQUE
Marcia Sant'Anna
Rívia Ryker Bandeira de Alencar
Grupo 108 de Comunicação

REVISÃO DE TEXTO
Grupo 108 de Comunicação

PROJETO GRÁFICO
Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO
Grupo 108 de Comunicação

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

ASSISTENTE DE EDIÇÃO
Daniela Barros

FOTOGRAFIAS
Acervo da Fototeca da Fundação Joaquim Nabuco
Acervo da Fundação de Cultura de Caruaru
Acervo do Inventário Nacional de Referências Culturais da Feira de Caruaru
Alcir Lacerda
Aurélio Fabian
Francisco Moreira da Costa

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS
Prefeitura de Caruaru
Secretaria de Cultura de Caruaru

Registro da Feira de Caruaru

Processo nº01450.002945/2006-24

PROPONENTE:
Prefeitura de Caruaru

DADOS DO PROCESSO:
Pedido de Registro aprovado na 51ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em 07/12/2006. Inscrição no Livro de Registro dos Lugares em 20/12/2006.

PÁGINA 2
BONECOS DE BARRO DA FEIRA DE CARUARU.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

PÁGINA 4
XILOGRAVURA.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.



SUMÁRIO

10 APRESENTAÇÃO

12 INTRODUÇÃO

18 O MUNICÍPIO DE CARUARU
22 As Origens da Feira
39 A Feira no Século 20

54 A FEIRA E SUAS FEIRAS
55 A Feira do Artesanato
57 A Feira do Gado
59 A Feira da Sulanca
62 A Feira do Paraguai ou de Importados
64 A Feira Livre e seus setores

78 O ALTO DO MOURA
79 A Arte do Barro

84 O OBJETO DE REGISTRO
85 As Feiras como Lugar
88 Lugar estruturante de relações socioculturais

96 RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

102 NOTAS

104 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

106 ANEXO 1
Parecer do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural

112 ANEXO 2
Titulação de Patrimônio Cultural do Brasil

113 ANEXO 3
Mapa da Feira de Caruaru



APRESENTAÇÃO

PÁGINA 8
FEIRA DE CARUARU.
ANOS 1970.
FOTO: ALCIR LACERDA.

PÁGINA AO LADO
UTENSÍLIOS DE FLANDRES.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

ABAIXO
COSTUREIRA DE BARRO.
FOTO: ACERVO INRC DA
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

Inúmeros saberes, ofícios e manifestações tradicionais encontram nas feiras populares o seu lugar de reprodução. As feiras são ainda espaços onde as identidades e as formas específicas de sociabilidade das aglomerações humanas se revelam e se expressam.

No Brasil há várias feiras que trazem esse importante significado cultural. Nesse contexto, a Feira de Caruaru assume papel de destaque como um relevante lugar de referência, por sua densidade histórica e importância socioeconômica.

Cantada em prosa e verso a feira das feiras, onde se vende "de tudo que há no mundo", foi registrada *Patrimônio Cultural do Brasil* em 2006.

Desde então, medidas de salvaguarda vêm sendo empreendidas pelo poder público com o apoio dos feirantes e da sociedade de Caruaru, com vistas a melhorar as condições de funcionamento da Feira e a fortalecer sua importância cultural.

Com mais esta publicação da série *Dossiês Iphan* cumprimos o dever de divulgar amplamente o conhecimento produzido para o registro da Feira de Caruaru – lugar onde se comercializa e onde se cria, se preserva a memória e se faz cultura todo dia!

Luiz Fernando de Almeida
Presidente do Iphan





INTRODUÇÃO

PÁGINA AO LADO
FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU. ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

ABAIXO
VISTA AÉREA DE CARUARU. ANOS 1970. FOTO: ALCIR LACERDA.

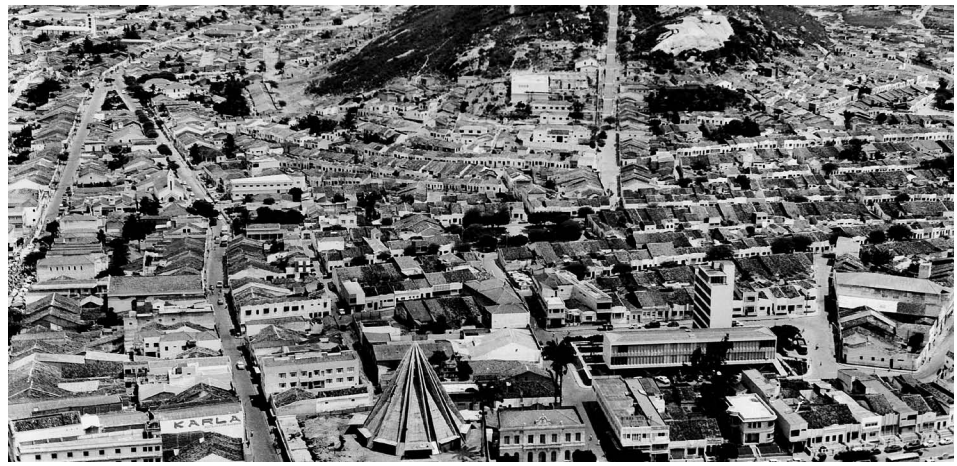
Da fazenda Caruru, povoado
se tornou/Foi crescendo, foi
crescendo/E à vila logo chegou/
João Vieira de Melo, coronel
cabra da peste/Da vila fez a cidade,
hoje Capital do Agreste" [trecho
de Capital do Agreste, de Nelson
Barbalho, 1957, canção gravada
por Luiz Gonzaga].

Caruaru é uma cidade que nasceu da feira, se expandiu e se consolidou junto com ela. Não há como separar uma da outra, tão dependentes entre si, que compõem um todo orgânico, numa verdadeira simbiose. A sua história remonta ao final do século 17, no ano de 1681, quando do surgimento da Sesmaria do Caruru, doada pelo então governador Aires de Souza de Castro a uma família portuguesa chefiada pelo cônego Simão Rodrigues de Sá, radicado em Olinda e no Recife.

Das diversas fazendas e sítios ali estabelecidos, a mais central e mais movimentada seria justamente a que deu nome à sesmaria, situada a partir do caminho das boiadas, entre o sertão e a zona canavieira, por onde passavam vaqueiros, tropeiros e mascates.

Em 1781, o capitão José Rodrigues da Cruz deu início à construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, apontada como o marco inaugural da povoação do Caruru, que logo se tornaria a próspera vila que deu origem à cidade de Caruaru.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição permitiu o surgimento de um pequeno comércio de rua, que inicialmente colocava à venda



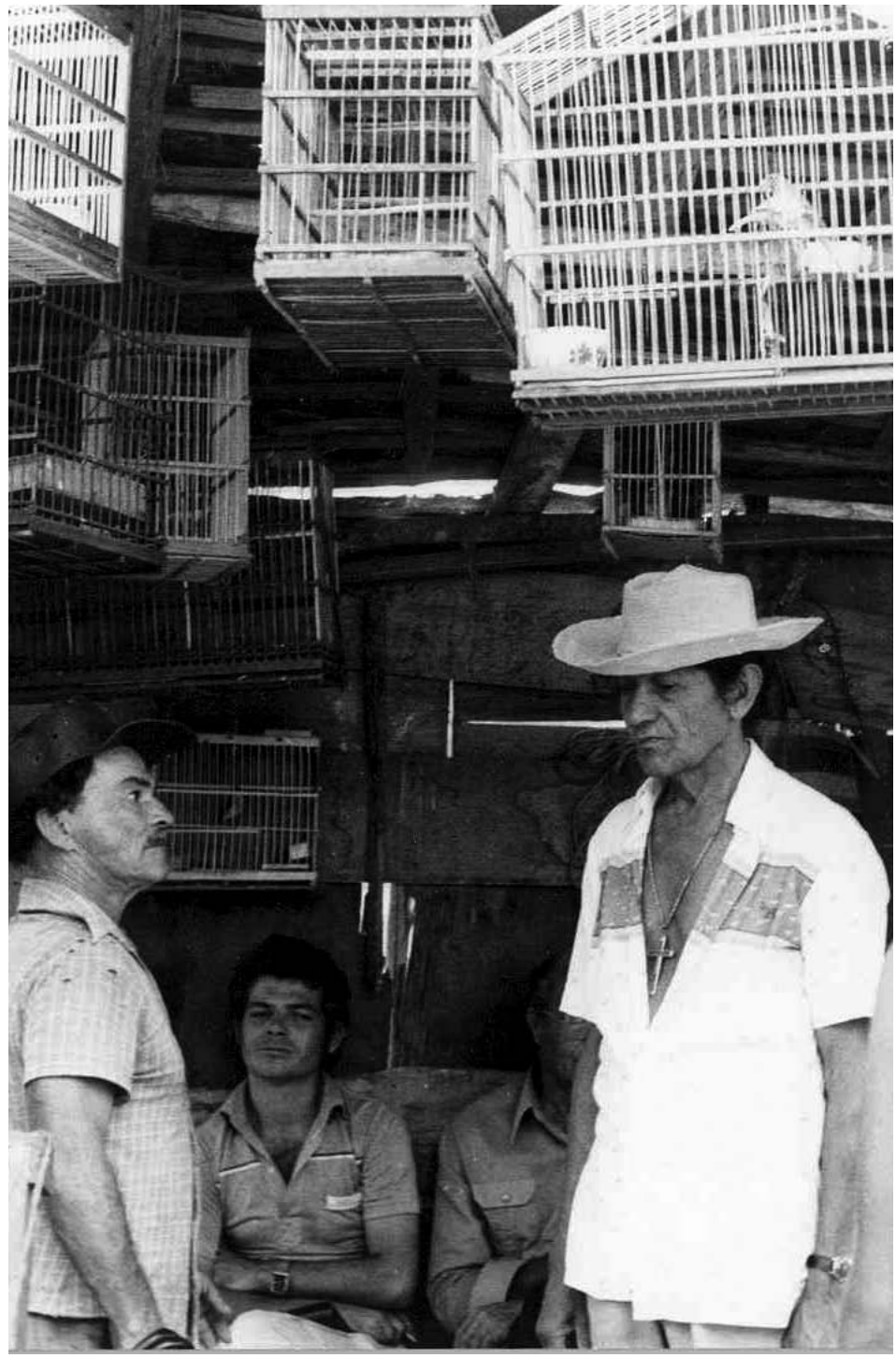
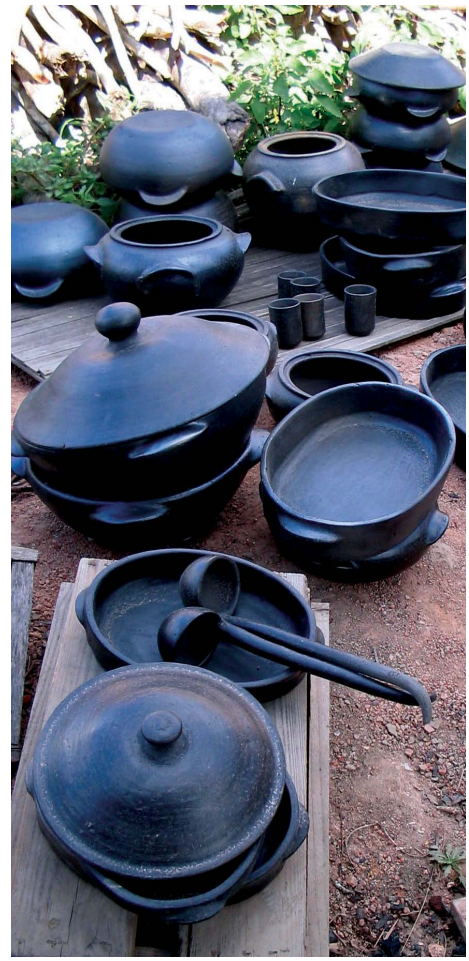


FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU. ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

artigos de couro e alimentos. Além disso, a realização de festas religiosas, sobretudo as que homenageavam a padroeira, contribuiu para o crescimento da feira e, simultaneamente, o desenvolvimento da cidade. O fortalecimento desse comércio informal favoreceu, por sua vez, a consolidação do comércio formal de Caruaru, mantendo com este, desde então, uma relação de complementaridade.

Ao longo dos séculos 19 e 20, com a acessibilidade reforçada pela estrada de ferro da Rede Ferroviária do Norte e, mais tarde, pelas rodovias estaduais e federais – que a conectaram com outras localidades do Nordeste – Caruaru se transformou no polo comercial mais importante da região; posição mantida até os dias de hoje, atraindo produtos de outros

CONJUNTO PARA FEIJOADA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



estados e do exterior.

A pequena feira transformou a área central do povoado, agregando valores econômicos, sociais e culturais, estreitando cada vez mais a ligação da vida cotidiana do lugar com a Feira de Caruaru.

Com o passar dos anos, a Feira se firmou como um lugar de socialização, de permanente construção de identidades e de exposição da sabedoria e criatividade populares. A Feira de Caruaru, na verdade, são muitas feiras que compõem um Lugar de referência viva da história do agreste pernambucano. Sintetizando a riqueza cultural do Nordeste, o maior centro de comércio popular do interior da região conta com 30 mil feirantes.

A Feira de Caruaru é também lugar de cultura, de memória e de continuidade de saberes, fazeres, produtos e expressões artísticas tradicionais – que continuam vivos no comércio de gado e dos produtos de couro, nos brinquedos reciclados, nas figuras de barro do Mestre Vitalino, nas redes de tear, nos utensílios de flandres, no cordel, nos poetas e repentistas, nas bandas de pífanos, nas gomas e farinhas de mandioca, nas flores, ervas e raízes medicinais.

Sem a dinâmica social e o mercado que a Feira proporciona, esses saberes e fazeres já poderiam ter desaparecido. Portanto, nada mais justo que a inscrição da Feira de Caruaru no Livro de Registro de Lugares, destinado a englobar locais que, independentemente de valores arquitetônicos, urbanísticos, estéticos ou paisagísticos, constituem suportes fundamentais para a continuidade das práticas e atividades que abrigam.

A elaboração do dossiê de registro da Feira de Caruaru é resultado da aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). O projeto denominado "Referenciamento da Feira de Caruaru com vistas ao Registro de Lugar" foi coordenado por Bartolomeu Figuerôa, professor da Universidade Federal



de Pernambuco – UFPE.

A primeira fase do inventário, o levantamento preliminar, iniciou-se em agosto de 2004 e foi concluída em dezembro daquele ano. Em janeiro de 2005, o Relatório Preliminar foi entregue à Diretoria de Cultura da Prefeitura de Caruaru, ocorrendo então a produção do vídeo que faz parte desta publicação.

A segunda etapa da pesquisa, ou seja, o inventário propriamente dito, começou em maio de 2005. Além de Caruaru, foram visitados lugares importantes que estão associados à Feira, como Toritama e Santa Cruz do Capibaribe.

Este dossiê apresenta os dados coletados no INRC a respeito das referências culturais associadas à Feira de Caruaru, desde a paisagem cultural e marcos edificados até os diversos setores ou "feiras" que a constituem, visando informar ao público que não a conhece de perto como é a feira que vende "de tudo o que há no mundo".

Em 24 de janeiro de 2006, a Feira de Caruaru foi inscrita no Livro de Registro dos Lugares como Patrimônio Cultural do Brasil. Este reconhecimento visa ao desenvolvimento de um plano de salvaguarda que, entre

PÁGINA AO LADO
MANTEIGA DE GARRAFA E GULOSEIMAS.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

AO LADO
FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU.
ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

outras ações, buscará a solução dos problemas socioespaciais que afetam a Feira, notadamente o crescimento desordenado que provocou sua expansão em quase cinco vezes nos últimos 20 anos. Outra questão a ser examinada neste plano é a ocupação dos espaços de acesso à Feira e das vias públicas de Caruaru por feirantes denominados de "invasores". São questões, enfim, que apontam para a necessidade de melhorias urgentes no sistema de planejamento, gestão, controle e fiscalização do conjunto de feiras de Caruaru, de modo a evitar o comprometimento de seu desempenho e sustentabilidade. ■





O MUNICÍPIO DE CARUARU

PÁGINA AO LADO
VISTA AÉREA DE CARUARU.
ANO 1970.
FOTO: ALCIR LACERDA.

ABAIXO
BOLSAS DE PALHA.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

O município de Caruaru está localizado na mesorregião do Agreste Pernambucano e na microrregião do Vale do Ipojuca, a aproximadamente 140km do Recife, com acesso direto pela BR 232 e cruzado pela BR 104. Possui extensão territorial de 928,1km² e a altitude é de 554m acima do nível do mar, com 8º 17' de latitude e 35º 58' 34" de longitude. As bacias hidrográficas existentes no município são as do Rio Capibaribe e Ipojuca. É limitado pelos seguintes municípios: ao Norte, por Toritama, Vertentes e Frei Miguelinho; a Oeste, por Brejo da Madre de Deus e São Caetano; ao Sul, por Agrestina e Altinho; e a Leste, por Riacho das Almas e Bezerros.

Caruaru possui quatro distritos jurídico-administrativos: Carapotós, Gonçalves Ferreira, Lajedo do Cedro e a sede do



município, a cidade de Caruaru, que conta com vinte e sete bairros. As localidades inventariadas, o Perímetro Urbano e o Alto do Moura, situam-se nessa cidade, já que a Feira surgiu no centro dessa cidade e a arte figurativa, um dos seus setores mais fortes e representativos, é produzida principalmente no Alto do Moura.

Um marco da paisagem natural é o Morro do Bom Jesus. A 88m acima do nível médio da cidade, esta referência geográfica descortina muitos pontos importantes de Caruaru. Localiza-se no centro da cidade e sofre um processo de ocupação desordenada, incentivada pela fama de que "em Caruaru há trabalho" e "dá para ganhar a vida". Esta fama provoca uma expressiva migração interna e externa, não só de desempregados e pobres, mas também de

MINIATURAS DE CARRINHO-DE-MÃO E BALAIO EM CIPÓ. FOTO: AURÉLIO FABIAN.



profissionais liberais que migram do Recife e de municípios e estados vizinhos.

Outro marco natural importante de Caruaru é a Serra dos Cavalos. Antigamente, na época das chuvas, o único meio de transitar por suas ladeiras era a cavalo, daí derivando o seu nome. É a única área de preservação ambiental do município e está situada a aproximadamente 30 km do centro da cidade. Constitui a maior porção de Mata Atlântica do interior do estado, abrigando o Parque Ecológico Professor João Vasconcelos Sobrinho e os mananciais que abastecem de água a cidade, como o Açude de Serra dos Cavalos. Também possui alguns mirantes naturais com belas vistas e várias trilhas usadas por ecoturistas. A Serra representa para a população um local que precisa ser preservado para educar as gerações atuais e futuras, alertando-as para a importância da proteção ao meio ambiente.

A Feira de Caruaru esteve localizada no centro da cidade, mais propriamente na Rua do Comércio, por mais de dois séculos até ser transferida, em 1992, para o Parque 18 de Maio, situado na margem sul do rio Ipojuca.

A transferência da Feira foi determinante para a melhoria da qualidade no fluxo de pedestres e de veículos em Caruaru, principalmente a partir da década de 1970, pois no Parque 18 de Maio há vias específicas internas para o acesso de automóveis, além de estacionamentos, numa área de mais de 150 ha. Enquanto esteve localizada no centro, nas imediações da Igreja da Conceição[1], a Feira ocupava um espaço limitado pelas ruas



FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU. ACERVO DA FOTOTECA. DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

do centro, com apenas 22 ha. A mudança contribuiu para o crescimento no número de feirantes em mais de 500% - de 5 mil em 1970 para 28 mil em 2004.

O Parque 18 de Maio já foi o local onde se realizava o abate, a reprodução de animais, além de exposições, o chamado Campo de Monta. Esse espaço, na década de 1980, pertencia ao Ministério da Agricultura e começou a ser utilizado para a transferência de parte da Feira. Desde 1992, toda a Feira acontece lá.

A atual Feira do Gado, localizada no bairro do Cajá, é precursora da atual Feira de Caruaru. Foi nesta feira a origem do comércio que resultou na grande Feira. Ela conta com área para venda e exposição de animais e um matadouro próximo, além de seções de venda de gado caprino, equinos e aves. Por aí circulam mais de dez mil animais por mês, gerando arrecadação semanal de mais de R$ 1 milhão, quantia que quase dobra na época da safra ou do "boi gordo". Grande parte da carne dos animais abatidos é vendida no Mercado de Carne.

As feiras situadas no Parque 18 de Maio atendem mais de 1 milhão de pessoas por ano, atraídas pela diversidade de produtos vendidos, desde roupa até frutas, passando por importados e miudezas, além do popular "troca-troca". A Feira da Sulanca, que comercializa roupas fabricadas por confecções da região, arrecada, segundo a Associação de Feirantes de Artesanato, mais de R$ 22 milhões por semana. Tais números se refletem no espaço usado pelos feirantes, que se valem cada vez mais das ruas do entorno do parque para negociarem. ■

AS ORIGENS DA FEIRA

ABAIXO
ARTESANATO ORNAMENTAL
EM BARRO.
ANOS 1970.
FOTO: ALGIR LACERDA.

Um estudo da Fundação Ford (2004) observa o seguinte sobre as feiras livres:

"Um dos métodos mais óbvios, porém talvez menos entendidos, de aumentar a integração social em espaços públicos e encorajar o crescimento de mobilidade [é a feira]. Cada vez mais, líderes comunitários e governo veem as feiras públicas como local dos maiores problemas da cidade: a necessidade de trazer pessoas de grupos diferentes; a necessidade de tornar os espaços públicos convidativos e seguros, de revigorar a vizinhança e apoiar a pequena escala de atividades econômicas, de prover produtos frescos e de alta qualidade para os moradores da cidade, e de proteger o espaço aberto e preservar a agricultura das cidades vizinhas".

Além disso,

"Feiras públicas são localizadas e/ou criadas em espaço público dentro da comunidade. Esse é um aspecto visível das feiras – a criação de um local convidativo, seguro, e ativo, que atrai todo tipo de pessoas. (...) Como um lugar efetivo onde as pessoas se misturam, feiras públicas se tornam o coração e a alma da comunidade, ou seja, um local onde as pessoas interagem facilmente e onde inúmeras atividades da comunidade acontecem".

Do mesmo modo,

"As feiras são uma 'propriedade local', já que o comércio é independente e operado por seus donos, e não comércios que são dominados por franquias quase que 'onipresentes'. Isso ajuda a explicar o 'sabor' local das feiras



públicas e a exclusividade da experiência em comprar-se nelas".

Dewar e Watson (1990) mostram que, embora muitas feiras livres sejam inicialmente espontâneas pela oportunidade econômica por parte dos comerciantes, o sucesso a longo prazo dependerá em parte da simplicidade da intervenção nos momentos de desenho e da implementação, o que ocorreu no início da Feira de Caruaru, pois sua localização e o início das atividades foram, de certa forma, ingênuos e espontâneos.

Existem inúmeros relatos sobre a evolução de cidades que tiveram seus inícios marcados pela atividade mercantil e pela presença de uma feira, por estarem em rotas de comércio ou em situações geográficas benéficas. As primeiras feiras do Brasil, no século 17, se desenvolveram da mesma forma que tantas outras na Europa. Foram instaladas em grandes pátios em frente a algum marco, como igrejas ou largos, rodeadas por inúmeras casas comerciais, vendendo os produtos da região. Sampaio (Reis Filho, 1968), em relato sobre a história da fundação de Salvador - Bahia, destaca o forte papel da feira livre na determinação do comércio e na vida dos habitantes da cidade:

"Era nas feiras que se realizava o comércio regular de produtos agrícolas, mas sobretudo de pescado. Às feiras afluíam os vários produtos da terra e os de maior procura. A farinha de mandioca, pelas várias maneiras como os índios a fabricavam, a tapioca; as raízes comestíveis, aipins e batatas; o milho e o feijão; o mel da terra; as frutas indígenas, em que sobressaíam as bananas, os ananazes (sic), cajus e maracujás; a caça grossa e miúda; os animais vivos trazidos à feira, pela estima que lhes davam os europeus, como os bugios e sagüis, papagaios e tuins; bom e variado como o número de aves canoras; o peixe e os mariscos abundantes, oferecidos por baixo preço, tudo aí se encontrava. Situavam-se as antigas feiras de Salvador na cidade baixa, junto à praia e na cidade alta, na praça principal. 'Por facilitar o mercado, consentia-se que a feira realizasse à beira-mar, na Praia dos Pescadores, vizinha da ermida da Conceição' (...)."

Diferentemente do exemplo anterior, a Feira de Caruaru "nasceu e se criou" em conjunto com a cidade. Segundo Kleber Fernando Rodrigues (1995), no começo da colonização, a localidade era ocupada pela Sesmaria Ararobá. Muito tempo

ABAIXO E PÁGINA AO LADO
FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU.
ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.



antes, foi habitada pelos índios Cariri, que denominavam a região de "Caruru" ou "Caruaru" (caru: principal; aru: campo ou sítio).

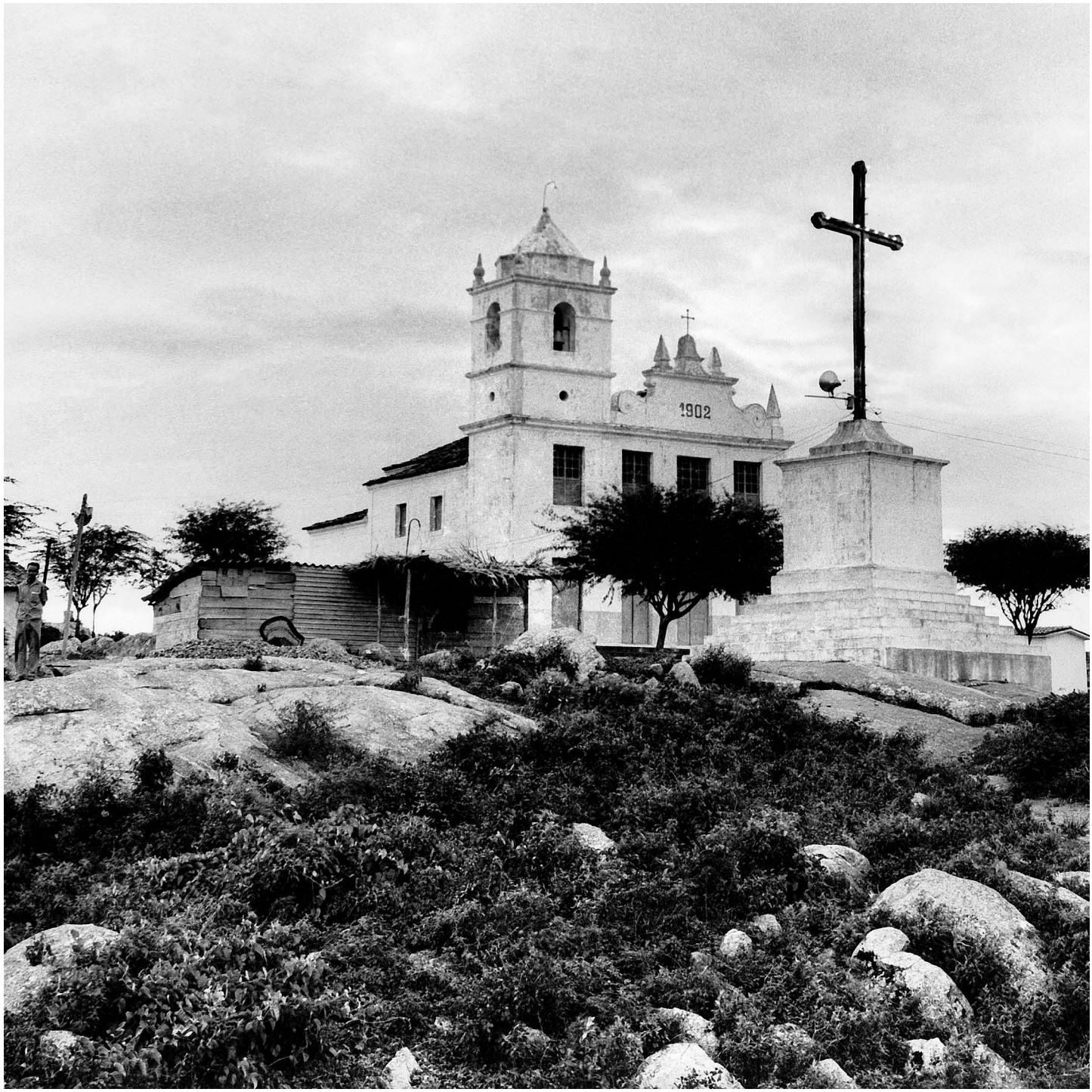
O historiador Josué Euzébio Ferreira (2001) alega que a história de Caruaru teve início com a chegada dos familiares do cônego Simão Rodrigues de Sá, nos fins do século 18, tomando posse de terras no vale médio do rio Ipojuca, que foram empregadas, sobretudo, para fazendas de gado; além disso, desenvolveram nelas culturas de subsistência. Os Rodrigues de Sá, ao virem de Portugal em meados do século 17, residiram primeiro no Recife, onde comerciavam gado. Essa família se mudou para a região do rio Ipojuca incentivada por informações de viajantes que percorreram o vale médio daquele rio. Comunicaram no Recife as possibilidades



de exploração econômica das localidades visitadas, solicitando às autoridades o direito de trabalhar aquelas terras.

O pedido foi atendido e, "em 02 de junho de 1681, foram doadas terras à família Rodrigues de Sá, situadas entre as Missões de Limoeiro, no Capibaribe, e o vale médio do Ipojuca" (Ferreira, 2001). Fundaram vários sítios de criação de gado e de agricultura de subsistência: Sítio da Posse, Juriti e a Fazenda Caruru, surgida no início do século 18.

Ainda de acordo com Ferreira (2001), Caruaru era na época uma fazenda de gado localizada às margens do Rio Ipojuca. O vale deste rio era utilizado como caminho para transportar o gado desembarcado para o Sertão, bem como o que vinha do sertão com destino ao litoral, para consumo e tração animal nos engenhos. A fazenda se tornava um ponto de apoio; os viajantes (tangerinos, tropeiros, mascates) começaram a pernoitar na fazenda, fazer comida, etc. Com o tempo, passaram a pedir refeições aos moradores da fazenda, como também dormitórios. Assim se iniciava o comércio na Fazenda Caruru, e o desenvolvimento da futura Feira de Caruaru.


1902

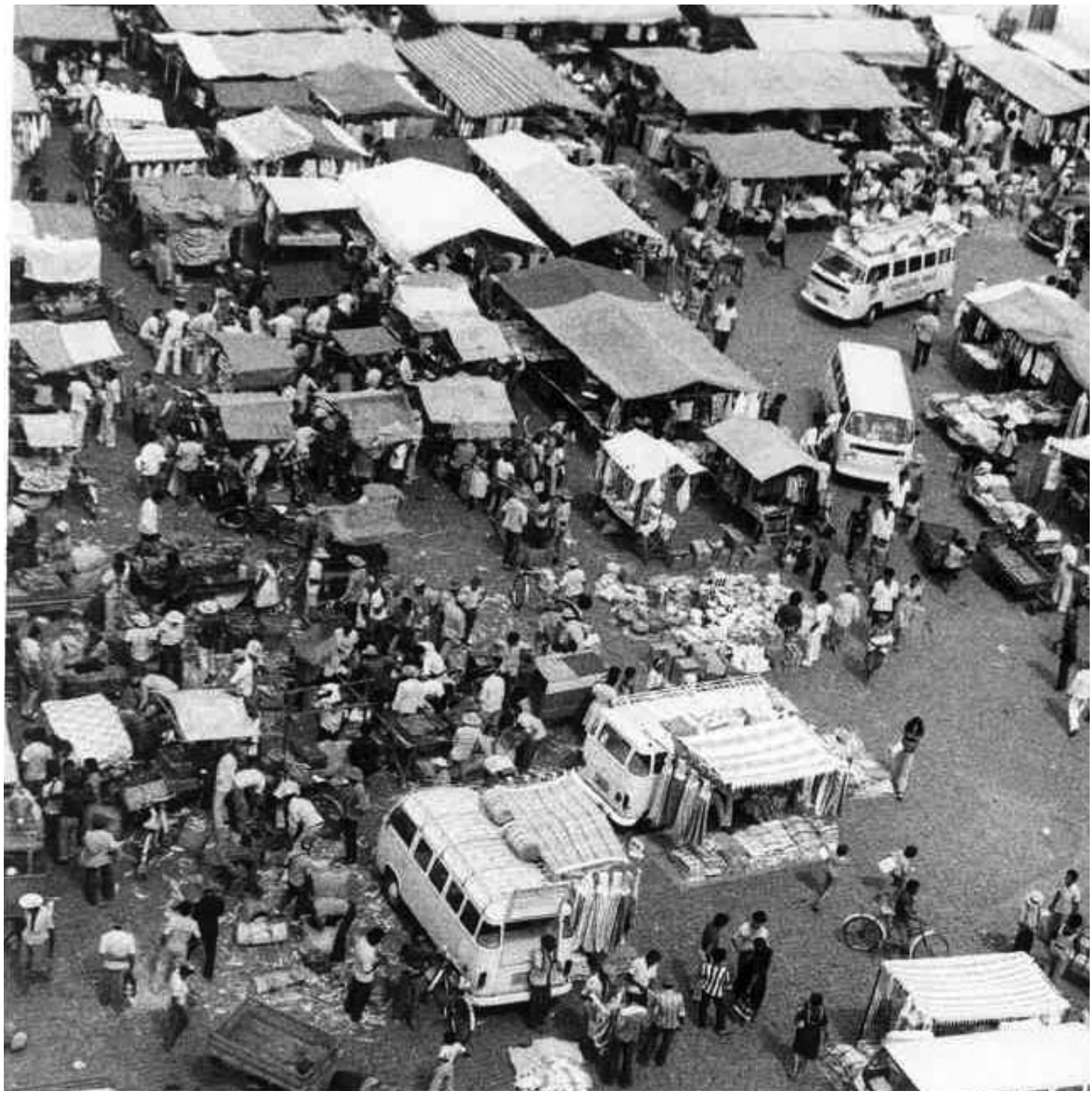
PÁGINA AO LADO
CAPELA DE NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO.
FOTO: ALCIR LACERDA.

À DIREITA
ARTESANATO EM PALHA
E VIME.
FOTO: ALCIR LACERDA.



Em janeiro de 1781, José Rodrigues de Jesus planejou a construção de uma capela em homenagem à irmã caçula, Maria da Conceição Rodrigues de Jesus, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. A seguir, solicitou autorização ao Bispo de Olinda para a construção da capela, que foi inaugurada em 5 de outubro de 1782, com o título de Capela de Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Caruru. Escreve Josué Euzébio Ferreira:

"Podemos supor que a Fazenda Caruru, a partir da inauguração da Capela em 1782, passou a ser o único lugar no vale médio do Ipojuca, além de São José dos Bezerros, onde os moradores de toda a redondeza teriam a oportunidade de acompanhar um ato religioso, celebrado por uma autoridade oficial da Igreja Católica" (Ferreira, 2001).



PÁGINA AO LADO
E ABAIXO
FOTOS HISTÓRICAS DA FEIRA
DE CARUARU.
ACERVO DA FOTOTECA
DA FUNDAÇÃO JOAQUIM
NABUCO.



A fazenda logo tornou-se um ponto de convergência. Ferreira (idem) relata alguns costumes de seus frequentadores: "...assistir missa, batizados, casamentos, receber a bênção do padre, encontrar conhecidos, parentes e compadres". Os domingos eram os dias de maior movimento na capela. Muitos se deslocavam para a fazenda a fim de assistir e realizar celebrações, levando seus artigos para vender, comprar ou trocar com os demais comerciantes.

"Poderia aproveitar também a presença de um mascate que era habitual por aqueles caminhos; esses encontros eram oportunos para apresentar as novidades do momento: tecidos, linha, dedal, chapéus, apetrechos de uso feminino etc." (Ferreira, 2001).

Pedro Marins afirma, numa entrevista em 1997[2], que José Rodrigues de Jesus fazia um pequeno investimento, dando impulso econômico à região, da seguinte maneira: "Para assegurar o fortalecimento da feira e, por consequência, das suas propriedades, ele comprava os produtos que sobravam e os distribuía com seus escravos".

Com o passar do tempo, a feira foi aumentando. Os encontros se tornaram semanais e os mascates aos poucos foram sendo substituídos por casas comerciais no próprio local. As relações sociais se constituíram nas "... possibilidades de mudanças nas relações pessoais e de negócios, caracterizadas pela confiança mútua, pelos prazos na entrega dos produtos e nos pagamentos etc." (Ferreira, 2001).

Kleber Rodrigues ainda comenta:



FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU. ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

"Tamanho era esse fluxo populacional ao lugar com vistas ao crescimento da Feira, objetivando comprar, trocar, vender produtos dos mais distantes e diversos rincões do Agreste pernambucano, que em torno da Capelinha de Nossa Senhora da Conceição desenvolvia-se o processo de urbanização, com a construção de casas, formando as primeiras ruas." (Rodrigues, 1995).

Em frente à capela, desenvolveu-se pouco a pouco a feira livre da fazenda e por isso o local passou a se chamar Rua do Comércio, mais tarde recebendo o nome de Praça João Guilherme de Azevedo. A comercialização de frutas, cereais, gado bovino, artesanato e utensílios produzidos manualmente, atraía cada vez mais vendedores e compradores. Com o desenvolvimento da feira, formou-se em torno da capela o embrião da futura cidade, as primeiras casas e ruas do vilarejo.

Essa ocupação comercial em frente à capela era comum nos núcleos suburbanos do Brasil colônia:

"elas existirão onde houver, inicialmente, uma capela ou igreja (Roba e Macedo, 2002, p. 15-22) e, mais tarde, casas de câmara e cadeia, feiras. Será sempre um espaço aberto onde, num primeiro momento do surgimento dos núcleos urbanos, as atividades sociais, comerciais, religiosas e militares acontecem (...), num amálgama de funções e que, mais tarde, vão sendo apropriados por novos espaços, especializando-os, mas quase nunca sem a presença do templo." (Neves, 2003).

De acordo com Kleber Rodrigues (1995), Caruaru "... já no final do século 18 comportava 300 casas residenciais; entre estas se encontravam também domicílios comerciais".

"A população do Caruru, na ribeira do médio Ipojuca, beneficiada com a construção da 'estrada real' do Recife a Cabrobó, visto a mesma passar por dentro de sua rua principal – a da Frente ou do Comércio – vinha atravessando, paradoxalmente, situação bastante irregular e servindo de palco a toda sorte de alteração da ordem

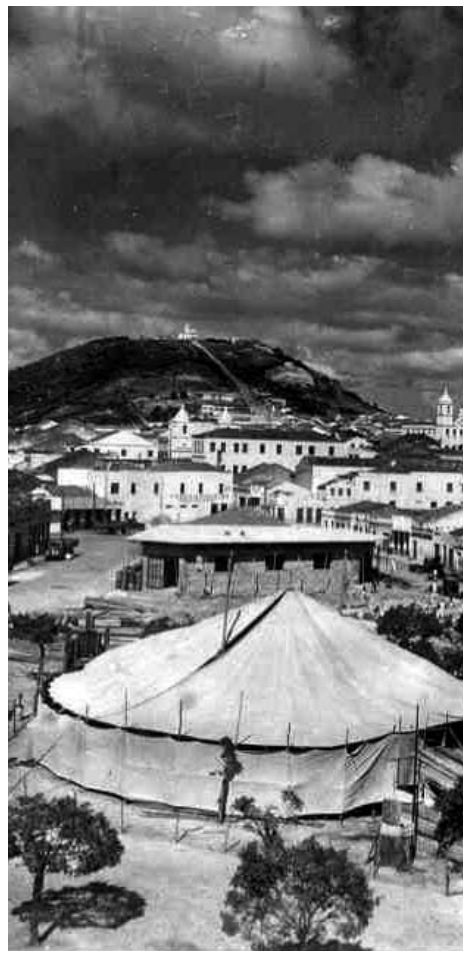


FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU. ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

pública, como se fosse um autêntico lugar sem chefe e sem lei." (Barbalho, 1983).

Em 1811, o povoado de Caruaru se tornou Distrito de Santo Antão, atual cidade de Vitória de Santo Antão.

Josué Euzébio Ferreira (2001) aponta três fatores fundamentais para o processo de urbanização de Caruaru: a localização geográfica da fazenda, com seus currais próximos à ribeira do Ipojuca; o caminho das boiadas e a fazenda como ponto de apoio e pernoite; e, como elemento mais forte, a construção de uma capela.

Segundo Daisy Costa Lima (s/d), até 1846 a capela foi utilizada pelos moradores da vila como único templo católico. Neste ano foi construída a Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora das Dores, pelo missionário Frei Euzébio de Sales, capuchinho do convento da Penha do Recife - a qual, no século 20, com a criação da Diocese católica de Caruaru, receberia o título de primeira catedral.

O vereador e padre Antônio Jorge Guerra, visando interesses políticos, solicitou a mudança do local da feira do sábado, fixando-a "do nascente da casa do tenente João Correia, em linha reta, à casa do alferes José Francisco da Silva Macambira, e, para o poente, até onde couber" (Barbalho, 1980).

Ainda de acordo com Barbalho, em 1853 vários moradores do Caruru encaminharam à Câmara Municipal de Caruaru pedido de transferência definitiva da feira semanal da vila para um local fora da Rua da Frente. Mas os vereadores de imediato negaram, argumentando que "não tem lugar o que requerem, visto achar-se a feira no lugar do costume e reclamado pela maioria do povo".

Em 26 de abril de 1854, o presidente da Província de Pernambuco determinou a construção da estrada que ligaria a Zona da Mata ao Sertão, por meio da Lei Provincial de nº 334. Essa estrada percorria Gravatá, São José dos Bezerros, Caruru, São Caetano da Raposa e Pesqueira. Contribuía, assim, para o alargamento das transações comerciais em todo Pernambuco e, consequentemente, para o progresso da feira.

ABAIXO
CHAPÉUS DE PALHA E
VASOS DE CERÂMICA.
FOTOS: ALCIR LACERDA.

Do surgimento até o início do século 20 a feira se caracterizava pelo intenso movimento. Condé (1960) relata em seu livro:

"Vai de um extremo a outro da Rua do Comércio – mais de um quilômetro ocupado pelos toldos coloridos, montes de frutas e legumes, barracas que servem de restaurantes populares (onde se come sarapatel, carne de sol, buxada, miúdos fritos), barracas que vendem celas, alforjes, redes, ervas medicinais e afrodisíacas, chapéus de couro, cestos, passarinhos, cavalos, peles de sucuri. Envoltas em xales vistosos, o cachimbo de barro cozido pendente do lábio, mulheres caboclas, negras e sararás fazem barganha com a freguesia. Ruídos e vozes partem de todos os cantos: dos becos que desembocam na rua, onde pedintes aleijados e cegos





entoam cantigas improvisadas, de uma tristeza ancestral; dos propagandistas das lojas de cintas, dos pregoeiros, das sanfonas, violas e pandeiros. Na calçada da Igreja da Conceição, o trovador popular recita para os matutos histórias sertanejas que vêm narradas nos folhetos de capas berrantes e versos primitivos." (Condé, 1960, p. 51).

Em outro trecho, ele afirma:

"Mal se pode andar nesta rua atravancada de gente, cavalos, balaios, toldos, barracas, monte de mercadorias. Das portas das lojas as peças de chita de todas as cores são bandeiras em dias de festa. (...) A feira dos cavalos e dos passarinhos é mais adiante, no fim da Rua do Comércio, quase no começo da Baixinha do Capitão Ioiô; o Mercado de Farinha, no outro extremo, subindo-se o beco que vai dar na Rua

ABAIXO À ESQUERDA
VENDA DE FARINHA.
FOTO: ALCIR LACERDA.

ABAIXO À DIREITA
FOTO HISTÓRICA DA FEIRA
DE CARUARU.
ACERVO DA FOTOTECA
DA FUNDAÇÃO JOAQUIM
NABUCO.





Duque." (Idem, 1960, pp. 52-3).

Em determinada passagem, assinala também sobre como os matutos atuam nessa feira:

"O sol começa a esfriar e o movimento na feira já não é o mesmo de pela manhã. Agora é hora de fazerem compras os pobres da Lagoa da Porta, do pé do monte, daqueles que moram em casebres além da ponte, à beira do rio; também hora em que as bodegas estão cheias de matutos – muitos já embriagados bebendo aguardente (...). Os bêbados de fim-de-feira." (Condé, 1960, p. 50).

Em 1855, a epidemia de cólera-morbo chegou a Caruaru. O vereador José Maria Brayner exigia limpeza de esgoto, varredura de ruas e becos, queima de lixo, prisão dos porcos soltos pela sede da vila. Neste ano não se realizaram as festas natalinas em frente à Capela de Nossa Senhora da Conceição, o que enfraqueceu o comércio, principalmente o chamado "livre". A feira, como parte de um todo social, foi atingida pela epidemia. Além dela, a subida do custo de vida nos anos 50 ajudou a diminuição do consumo.

Kleber Rodrigues (1995) afirma que as feiras criadas no Brasil entre os séculos 17 e 18 foram baseadas na agromanufatura açucareira, no latifúndio, no escravismo, numa economia voltada para o consumo externo.

"A Feira de Caruaru nasce e cresce dentro da realidade histórica da Fazenda Caruru em que, ao construir a Casa Grande, a Senzala e a Capela e, principalmente, ao estabelecer-se nestas paragens agrestinas uma fazenda objetivando a criação de gado vacum, além de

AO LADO
FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU. ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

desenvolver nas cercanias da Fazenda e mesmo em áreas mais distantes a produção de uma agricultura de subsistência, estabeleceu-se concretamente a necessidade de manipulação desta produção ou por necessidade econômica ou ainda por necessidade de sobrevivência, pois à distância da capital, do porto e dos produtos de além-mar, tornava-se necessário o intercâmbio da produção, seja de qual tipo fosse, entre os mercadores do lugar." (Rodrigues, 1995).

Rodrigues traça, então, um dos primeiros diferenciais entre a Feira de Caruaru e a grande maioria das feiras nascidas nos séculos por ele enumerados. Temos, neste caso, a primeira feira nascida em área econômica pertencente ao ciclo do gado, no Pernambuco colonial, com as características por ele apontadas: diretamente vinculada às necessidades do consumo interno; produção altamente diversificada, em função da distância entre o litoral, o porto e as grandes cidades e vilas da área açucareira. Outra característica é a de que este comércio, nascido de um pouso para o gado e para os viajantes, se baseava principalmente no trabalho livre e numa economia não direcionada, como era a do litoral, cujo comércio predominante – o do açúcar, fruto da monocultura e produzido em grande parte para a exportação –, impedia o plantio e a consequente oferta de outros produtos alimentícios próprios para o consumo. Estes tinham de ser importados de outras regiões da então Província, ou de outras unidades da colônia ou da metrópole.

É importante frisar que as feiras livres das cidades da Zona da Mata Sul e Norte de Pernambuco, onde predominou e ainda predomina a agroindústria açucareira, eram muito pobres em termos de oferta de produtos – algumas são até hoje – inclusive de gêneros de primeira necessidade, um dos lados perversos da monocultura canavieira no Nordeste.

Caruaru foi a primeira feira verdadeiramente livre da Província porque nasceu e se constituiu fora do sistema de produção baseada no escravismo e na monocultura canavieira. A própria necessidade de atender a uma população que chegava e se fixava fora das rotas do comércio internacional, bem como à população flutuante, que pousava e continuava viagem rumo ao sertão, impulsionou atividades econômicas para diversificar o cultivo de produção agrícola de alimentos e de criatório para o consumo imediato. Deste modo, fora do âmbito das pastagens e dos caminhos do gado bovino, desenvolveram-se áreas agricultáveis e de criatório de animais menores,



de dois e quatro pés.

Rodrigues (1995) explica que o grande fluxo econômico da Feira de Caruaru ocorre a partir de 1863, quando o governo inglês, impedido de adquirir o algodão norte-americano, em decorrência da Guerra de Secessão, passa a investir nesta região, criando linha de crédito para a produção e exportação do algodão produzido no Agreste e especificamente em Caruaru, além da construção da Boxwell, Usina de Beneficiamento do Algodão, e da ferrovia Great Western para o escoamento. Ferreira (2002) acrescenta que aquela indústria dispunha de uma grande rede de compradores que adquiriam diretamente dos produtores. Assim, por meio de intermediários, os negócios com o algodão ultrapassavam as fronteiras do agreste de Pernambuco.

Ainda segundo o mesmo autor, na cidade já existia uma unidade da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra) que tinha como atividade principal a extração do óleo do caroço de algodão (Ferreira, 2002). A atuação da indústria e a extensão da linha de trens contribuíram para o alargamento econômico de Caruaru e das demais regiões circundantes.

Com o grande crescimento espontâneo, e a extrema desordem pela qual a feira passou na primeira metade do século 19, a Câmara Municipal passou a intervir na sua organização e funcionamento. Em 1854, a feira ficava a 35 "braças" da Capela de N. S. da Conceição.

"A Fazenda Caruru, no princípio do século 19, já era um povoado próspero com uns mil habitantes, possuindo, desde 1795, sua Feira de Gado e produtos da



FOTO HISTÓRICA DA FEIRA DE CARUARU. ACERVO DA FOTOTECA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

roça, origens da grande Feira de Caruaru." (Dias, 1971).

Kleber Rodrigues (1995) defende que a imensa feira que existe hoje em Caruaru é fruto da fusão de várias feiras: as Feiras de Artesanato e de Verduras, a Feira da Sulanca, a Feira do Gado, a Feira dos Bolos e a Feira do Troca-Troca. A Feira do Gado Vacum foi uma das primeiras a se desenvolver, pois, desde o princípio, a região utilizava o couro como insumo para a realização de trabalhos e para a construção de artigos de uso diário (sendo que desde o século 18, a região do Rio Grande do Sul fazia concorrência comercial de carne bovina com Caruaru). A Feira da Sulanca foi iniciada em 1984.

Em 1857, a Vila de Caruaru contava com uma população de 29.080 pessoas, sendo 26.833 livres e 2.247 escravos. Em 18 de maio de 1857, foi sancionada a elevação da Vila de Caruaru à categoria de cidade pela lei provincial de nº 416. Este ato administrativo unificou a denominação da cidade, que ainda era chamada dos dois modos: Caruru e Caruaru. À criação do distrito de Caruaru refere-se à lei municipal de nº 3, de 2 de dezembro de 1892.

Segundo Tadeu Rocha, citado por Nelson Barbalho:

"Um marco importante na evolução econômica e social de Caruaru foi a chegada das pontas dos trilhos da 'Estrada de Ferro Central de Pernambuco'. Em dezembro de 1895, o 'trem de ferro' subiu a Serra das Ruças (sic) vencendo túneis e viadutos, passou por Gravatá e Bezerros, apitou orgulhoso no km 139 e resfolegou na estação de Caruaru. A multidão de agresteiros que foram recebê-



VISTA AÉREA DA FEIRA DE CARUARU. FOTO: ALCIR LACERDA.

lo confiava no progresso que o trem haveria de levar à sua cidade, com o crescimento do comércio, o aparecimento das indústrias, o aumento da população e a intensificação da vida social, cultural e religiosa. Eram os começos do novo posto que a cidade iria logo ocupar, no interior do Estado: o de metrópole regional da parte central-sul da Borborema." (Barbalho, 1980a).

Em 1895, as famílias tradicionais do Recife subiam a Serra das Russas pelos trilhos da Estrada de Ferro Central de Pernambuco, para saborear pamonha e carne de sol, ao som das primeiras bandas de música caruaruenses.

A Feira de Caruaru tem como características principais o fato de ser estabelecida pelos "burgueses brasileiros", a nova classe de comerciantes proprietários, oligárquicos, mas também pelos vendedores e artesãos livres e uns poucos escravos. Sendo assim, "muitos comerciantes atuais, empresários caruaruenses, são descendentes de antigos feirantes e proprietários rurais, embora haja na atualidade certa discriminação por parte do empresariado comercial em relação ao feirante, pois muitos afirmam que, enquanto na feira não se pagam impostos, há possibilidade econômica de que o feirante concorra economicamente em melhor situação de vantagem em relação ao comerciante estabelecido". As pesquisas para o registro, contudo, demonstraram que os feirantes pagam impostos, embora em quantia menor.

Caruaru viveu uma expansão demográfica significativa com o desenvolvimento da economia

PINTURA DE BONECAS DE BARRO. FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.



local, ancorada na Feira em todos os setores. Expõe, assim, a situação de decadência do latifúndio e da aristocracia coronelista e o desenvolvimento microeconômico dos artigos que compõem a Feira. Segundo Kleber Rodrigues (1995), "(...) os mercados persas e turcos não causam inveja aos caruaruenses, quando se trata de diversificação, criatividade, efervescência cultural".

Ademais, a Feira tem o papel fundamental e preponderante de manter as tradições e a continuação da produção artesanal, pois recebe parcos auxílios governamentais oficiais. É o que afirma Rodrigues (1995):

"A Feira de Caruaru é uma das representações do passado e do presente desta comunidade; é história viva desta região, é o referencial da continuidade da história deste povo do Agreste pernambucano e nordestino". ■

ABAIXO À ESQUERDA
BONECOS DE BARRO.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

ABAIXO À DIREITA
SANFONEIRO DE BARRO.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

A FEIRA NO SÉCULO 20

Foi demonstrado que a Feira de Caruaru não deixou de crescer desde 1819. No começo do século 20, ocupou a chamada Rua do Comércio, tendo a igreja de Nossa Senhora da Conceição – construção que substituiu a antiga capela da fazenda – ao fundo. Na época, com pouco mais de 25 mil habitantes, a cidade ainda conservava os mesmos hábitos e costumes do tempo de vila. Segundo Mário Sette[3], em suas visitas a Caruaru em 1915, 1925 e 1929, a cidade já apresentava grande progresso e lhe causava magnífica impressão.

Entre as décadas de 1930 e 1960, Caruaru foi reconhecida como uma das maiores potências do Nordeste, com destaque para a indústria do couro. Os produtores eram Sanbra, Caroá e o Curtume Souza Irmãos, sendo este último considerado o mais forte da época. As mercadorias eram transportadas



em lombos de animais por causa da ausência de automóveis na cidade.

Entre as décadas de 1920 e 1940, a venda de folhetos de cordel na Feira chegou ao auge, enfraquecendo expressivamente entre 1940 e 1950, em decorrência do alargamento do consumo de rádio e televisão. Nos cordéis, encontram-se poesia, divertimento e informação. Muitos informes sobre a cidade eram obtidos por meio destes livretos. A TV e o rádio tomariam esse espaço na sociedade, mas os folhetins não perderam seu valor artístico e cultural. O maior cordelista de Caruaru, segundo Aleixo Leite (importante seguidor da produção dos folhetos), foi Francisco Sales Areda, que, nascido em Campina Grande em 25 de outubro de 1916, mudou-se para Caruaru em 1950. Viveu exclusivamente da venda de cordéis,



XILOGRAVURA.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

no período de 1946 a 1970.

Também são considerados grandes cordelistas de Caruaru José Soares da Silva (Dila), Olegário Fernandes, Vicente Vitorino Cristóvão e Manuel Basílio de Lima. Olegário, também violeiro, começou a fazer cordéis em 1956. Gostava muito de criá-los tendo como base os noticiários jornalísticos.

Olegário Fernandes da Silva fundou o Museu do Cordel, em 2 de agosto de 1999, com acervo de 2.500 peças e contando com assessoria da Fundação de Cultura de Caruaru. O cordelista sofreu ataque cardíaco no próprio museu, em 3 de abril de 2002, falecendo aos 70 anos. Na ocasião, Maria Bethânia, sua filha, afirmou que iria dar continuidade à grande realização do pai: "Tudo vai continuar do mesmo jeito".[4]



Nas décadas de 1940/50,

ganharam bastante destaque as "boleiras" de Caruaru, expondo bolos de goma, de mandioca, de milho, broas, suspiros, "beiras-secas" ou "truitas". Começavam a produção na quinta-feira, para vendê-los no sábado. As mais famosas boleiras da época eram "Siá" Claudina, Maria de Artur Quintão, Maria Leandro, Ana Preta e dona Maria Mata Escura.

Em fins de 1955, no auditório da Rádio Difusora de Caruaru, o cantor Onildo Almeida mostrou ao amigo e locutor da rádio, Rui Cabral, sua nova música, "A Feira de Caruaru", ainda incompleta. Assim que a escutou, Cabral colocou Onildo no ar e pediu para que cantasse. O amigo o fez. Com o improviso do sanfoneiro José Gomes, a música foi bem recebida pela população, que pediu para Onildo cantar mais duas vezes.

"Somente no início de 1956,

A feira de Caruaru
Faz gosto a gente ver
De tudo que há no mundo
Nela tem pra vender
Na feira de Caruaru

Tem massa de mandioca
Batata assada, tem ovo cru
Banana, laranja e manga
Batata-doce, queijo e caju
Cenoura, jabuticaba, guiné,
Galinha, pato e peru
Tem bode, carneiro e porco
E se duvidar inté cururu

Tem cesto, balaio, corda
Tamanco, gréia, tem tatu
Tem fumo, tem tabaqueiro,
Tem peixeira e tem boi zebu
Caneco, alcoviteiro, peneira
Boa e mel de uruçu
Tem calça de alvorada
Que é prá matuto não andá nu

A feira de Caruaru...

Tem rede, tem baleeira
Móde menino caçá lambu
Maxixe, cebola verde, tomate
Coentro, couve e chuchu
Almoço feito na corda
Pirão mexido que nem angu,
Tem fia de tamborete, que
Dá de tronco de mulungu

Tem louça, tem ferro velho,
Sorvete de raspa que faz jaú
Gelado caldo de cana,
Planta de palma e mandacaru
Boneco de Vitalino, que são
Conhecido inté no Sul
De tudo que há no mundo
Tem na feira de Caruaru

A feira de Caruaru...



FEIRA DA SULANCA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

Onildo Almeida concluiu sua pesquisa sobre artigos vendidos na Feira que terminassem com a letra 'u'. A idéia era que cada verso rimasse com o nome Caruaru. Ele buscou 14 tipos diferentes de especiarias." (Jornal Vanguarda, 18/05/2002).

Onildo partiu para o Recife, em busca de Genival Macedo, da gravadora Copacabana. Não queria gravar a música, pois considerava-se um cantor romântico, não de baião, mas terminou gravando-a e vendendo onze mil cópias em Caruaru.

Em 1956, Luiz Gonzaga chegou a Caruaru para se apresentar na Rádio Difusora e escutou "A Feira de Caruaru". Com muito entusiasmo, pediu a Onildo para gravá-la, vendendo em 1957 mais de cem mil cópias. A Feira também se fortalecia, pois as pessoas iam conferir os itens relacionados na música e reclamavam a ausência de alguns artigos. Com isso, Onildo compôs "A Feira de Caruaru 2", gravada por Israel Filho, mas a primeira música permaneceu como o hino da Feira e da própria cidade.

Hoje não se tem conta de quantos intérpretes cantam esta música e mais de 34 países a conhecem. Onildo afirma: "Uma vez a Orquestra Sinfônica de Berlim incluiu em seu repertório a peça, interpretando 'A Feira de Caruaru'".

Em entrevista concedida durante a pesquisa para o registro em 2005, o compositor explica alguns dos itens listados por ele na música, como o "fósco sete lapadas", as "meisinhas", e a "carça de arvorada". Seguem os trechos abaixo:

"O senhor falou aí na música que o matuto não pode nem adoecer. Porque quando ele adoece ele vai se tratar na Feira. Lá é uma farmácia?"

Onildo: "Tem farmácia. As meisinhas, né? Na "Feira nº 2" [sua segunda composição sobre a Feira de Caruaru, bem menos famosa que a primeira] eu falo das meisinhas, falo dos "fosco a sete lapadas", já ouviu falar?"

"Não. Como é isso?"

Onildo: "Fósco a sete lapadas" é o fósforo fabricado artesanalmente em casa. Não sei se foi o matuto ou alguém que... o fósforo comum ele vem dentro da caixinha, né? O outro é um pedaço de madeira retalhado, feito em palito, mas sem despregar o palito da outra base. Você pega um quadrado assim, corta, corta em cruz, sobra um bocado de palito tudo agarrado no tronco embaixo, que ele pega na massa quente do fósforo que faz o atrito, bota ali e tira, quando ele tira ele enxuga, então fica aqueles

VENDA QUEIJOS.
ACERVO FUNDAÇÃO DE
CULTURA DE CARUARU.
FOTO: JOÃO TAVARES.



40 ou 50 palitos de fósforos. Você esfrega um no outro assim, que ele é agarrado só em massa, aí você puxa assim, pega no solado do sapato e acende o cigarro. Chama esses fósforos de "7 lapadas", sabe por quê? Porque nunca acende de primeira (risos). Ou na pedra, ou na parede ou no chão ou no sapato, tin... tin... até acender aí chama "7 lapada". Interessante, né? Eu não vi mais esses fósforos, ainda vou atrás pra ver se consigo, se não conseguir eu vou fazer como era feito, pra ter como exposição, entendeu? Pra ter esse registro.

"'Fosco sete lapadas'. É bom saber até pra gente, quando for pesquisar na Feira, saber se existe. Porque ele seria característico também aqui da Feira, antigamente seria muito encontrado. E essa meisinha seria a farmácia de uso dos matutos?"

Onildo: "As pessoas antigas, se você falar isso elas vão dizer: 'ah, me lembro, fósforo sete lapadas'".

"Então tem que bater na mesa sete vezes..."

Onildo: "Por isso chamava sete lapadas, por que não acendia de primeira (risos)".

"E sobre a 'carça de arvorada'"...

Onildo: "Nessa Feira, as coisas importantes e curiosas e que hoje, hoje nós podemos derivar a origem, por exemplo, a maior Feira da Sulanca da região: Caruaru. Nasceu aonde? Na Feira de Caruaru. Por que nasceu na Feira de Caruaru? Porque, naquela época, já se vendia roupa feita na feira. Sempre vendeu. 'Carça de arvorada... nylon ou cortiça pra matuto num andar nu'. Quer dizer, o que é 'carça de arvorada'? É o jeans de hoje. Como é o jeans, se o jeans foi o americano que inventou, foi...mas é... é um pano característico similar, só que o... o... a... o brim, a alvorada, que era a calça de alvorada. Alvorada é um brim, um brim feito uma lona, resistente a sol e chuva. O matuto comprava uma capa, uma calça daquela, ia pra roça com ela, lavava e vinha pra feira, quer dizer, era a roupa eterna dele, ele passava o ano todinho com aquela roupa, e a roupa forte, não rasgava facilmente, que era uma lona, então dali a semelhança do jeans, porque a cor do jeans é exatamente a cor da calça de alvorada, entendeu?

É a mesma cor, essa calça que você tá vestindo, é o mesmo que você tá vendo um brim de alvorada. A juventude hoje, as novas gerações pra cá desconhecem porque desapareceu a alvorada, parece que ficou o jeans. E ali na feira de roupa vendia lençol, vendia toalha, vendia blusa, vendia vestido de chita, redes, então, é a feira de confecções, aquilo que tinha nas lojas tinha na Feira."



FEIRA DO GADO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

O depoimento é importante por registrar diversos itens da Feira que se deseja recuperar, seja para informar às novas gerações e manter usos e costumes tradicionais da Feira, seja para perpetuar os significados inerentes a cada bem citado: calça de alvorada, fósforo sete lapadas, a relação destes com o "matuto", o trabalhador rural, de poucas posses para renovar o vestuário.

As reminiscências de Onildo ligadas às "meisinhas" demonstram a referência para feirantes e compradores pobres da região que são os médicos populares que receitam e vendem remédios fitoterápicos. Assim, a Feira se apresenta também como lugar onde se cura, verdadeiro lócus de medicina complementar – muitas vezes, quase a única instância de busca de cura para o segmento popular, que tem como paralelo apenas as promessas e votos para os santos e demais entidades curadoras.

É fácil constatar as 1001 utilidades da Feira para o povo que dela se utiliza para preencher necessidades vitais, como fonte de alternativas diversas e substitutivos para a solução das urgências da vida não atendidas pela organização formal da sociedade de produção e consumo capitalista.

O comércio de Caruaru, na década de 1960, era procurado pela maioria da população agrestina, graças às linhas de ônibus que ligavam o município aos demais centros urbanos da região. A rodovia estadual (PE-91), as federais (BR-232 e BR-104, que liga PE a PB) e a Rede Ferroviária do Norte, antiga Great Western, eram os acessos das cidades pernambucanas e paraibanas ao município.

FEIRA DE ERVAS.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



Em 1966, a Feira, que já ocupava 2 km no centro da cidade, contava com as seguintes subdivisões: feira dos passarinhos, do fumo, das panelas, das frutas, das verduras, da carne, das bonecas, dos bolos, dos laticínios, dos artigos de couro, dos arreios para animais, dos aviamentos para sapateiro etc. Nessa época, já se usava alto-falante para chamar atenção dos fregueses e as feiras eram realizadas às quartas-feiras e aos sábados.

Em 1976, segundo o pesquisador da Casa da Cultura de Caruaru, José Condé, o movimento começava por volta das 6h, aumentando às 10h. Os compradores vinham de Garanhus, Bezerros, Arcoverde, Serra Talhada, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. O pesquisador relata ainda as famosas garrafadas, misturas de aguardentes com raízes e cascas de árvores que os agrestinos tomam como remédio. Na Rua São Sebastião ficava o comércio desses remédios, com as barracas dispostas em círculo, e a Feira do Troca-Troca.

Uma consideração importante se impõe sobre esta parte da grande Feira, a Feira do Troca-Troca, que permanece como importante reminiscência da antiga relação de escambo ou de troca generalizada e costumeira de bens de consumo de primeira necessidade por outros igualmente úteis à vida cotidiana. Nos tempos coloniais, quando a circulação de moedas no meio rural era muito escassa e rara, as populações supriam esta carência por meio desse sistema de permutas, que satisfazia as necessidades das famílias e ajudava a manter o trabalho rural.

Tais costumes, de sentido vital até o século 19, permanecem



VENDEDOR DA FEIRA DO TROCA-TROCA. FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

nos dias de hoje em transações realizadas em determinados pontos da cidade como um meio de se trocar objetos não mais considerados úteis pelo proprietário por outros bens tidos como mais necessários para o momento. Além das razões descritas acima, existem, no meio popular, indivíduos e grupos que estão sempre a permutar o que adquirem, recebem ou ganham. Rendidos à atração exercida pelo costume do "fazer rolo", do trocar pelo prazer que isto lhes traz.

"Há ainda outras atrações bastante curiosas na Feira de Caruaru, como as bandas de pífano que alegram o ambiente e os contadores de histórias. Esses são homens de fértil imaginação que costumam relatar, diante de microfones, as histórias mais incríveis. Todos sabem que não passam de histórias, que tudo é uma farsa, mas mesmo assim não negam seus suados centavos aos contadores. Afinal, suas histórias – falsas ou verdadeiras – são os sorrisos do povo." (Revista Serpro, 1976).

Em 1988, surgem novos produtos na Feira. A carne, o bolo e o queijo de jaca foram introduzidos com sucesso por Caetana Olívia da Silva e seus produtos fazem aumentar o movimento. Segundo esta feirante, até Miguel Arraes, então governador de Pernambuco, visitara a Feira e provara de seus produtos. A prefeitura da cidade adotou os pratos de jaca para a merenda escolar.

De tamanha dimensão se tornara a Feira de Artesanato de Caruaru que em 1990 a cidade deu lugar à III Feira de Artesanato de Pernambuco. Esta fazia parte

UTENSÍLIOS DA FEIRA DE FERRAGENS.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.



da Festa do Umbu, que acontecia anualmente nas tardes do Domingo de Páscoa, no Morro do Bom Jesus. Artistas dos municípios pernambucanos de Tracunhaém, Limoeiro, Poção, Passira, Gravatá e Goiana somavam suas obras para somar às dos caruaruenses numa exposição artística de grande importância.

Ainda em 1990, Caruaru somava mais um título, o de







"Capital da Sulanca", por possuir a maior feira livre de confecções do país. Esta feira se realizava às terças e quintas-feiras, recebendo por volta de 50 mil pessoas. No final dos anos 90, juntaram-se a Caruaru as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, ambas no Agreste Central e vizinhas entre si, constituindo o segundo polo de confecções populares do país, inferior somente ao de São Paulo, em produção e venda.

O termo "sulanca", conforme escritores e cronistas de Santa Cruz do Capibaribe e de Caruaru, provêm de duas fontes. Segundo uma, quer dizer elanca do Sul, em referência aos retalhos de panos de diversos tipos que vinham das fábricas paulistas e se tornavam matéria-prima das confecções populares, no início das atividades do polo acima descrito. A outra



CONFECÇÃO DE CALÇADO EM COURO. FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

remete ao acabamento simples das confecções caseiras, muito apreciadas, entretanto, pela população de baixa renda.

Ao longo do tempo, a Feira foi crescendo e consequentemente necessitando de outra infraestrutura e organização. De acordo com o diagnóstico realizado na década de 1980, visando sua mudança para o Parque 18 de Maio, era preciso uma transformação organizacional por causa dos seguintes fatores:

• necessidade de expansão da área central do comércio;

• as interferências com o comércio local;

• a necessidade de infraestruturas básicas e o estado em que se apresentava a Feira, impossibilitada de receber determinadas ações que lhe eram imprescindíveis;

• o processo de crescimento e sua área restrita de ocupação;

• o equacionamento entre o espaço de venda e o espaço de circulação para as compras;

• a circulação automotora da cidade;

• as novas funções de Caruaru.

Agrestinos e sertanejos imigraram para Caruaru em busca de emprego, principalmente no mercado informal da Feira. Nos anos 80, havia uma expressiva concentração destes desempregados, formando bolsões de baixa renda nas periferias da cidade.

De acordo com o mesmo diagnóstico: "A ampliação da Feira torna-se impossível em seu *habitat* histórico, face ao seu atual congestionamento de fluxos de pessoas e de mercadorias". A reorganização da Feira seria uma



DOCES E GULOSEIMAS.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

das soluções para a diminuição de desempregados nas periferias de Caruaru: essas pessoas trabalhariam nas feiras, vendendo o que plantassem. Pagariam taxas diferenciadas de acordo com o tipo de produto comercializado. Esta não seria uma medida penalizante – teria o objetivo de estimular as vendas. A esta época já era sugerido como novo local o antigo Campo de Monta. Seu deslocamento também tornaria o trânsito no centro da cidade mais viável.

Para solucionar os conflitos e a saturação existentes, o governo municipal, por fim, decidiu transferi-la. Em 1982, o prefeito José Queiroz solicitou a elaboração de um projeto para a transferência. Constatava-se que "à medida que a cidade mudava, o centro tomava outra dimensão. As lojas começaram a ficar tão importantes quanto a Feira e isso criou um confronto com as funções urbanas". Segundo os autores do projeto, a transferência da Feira de Artesanato serviria como experiência, como um piloto:

"... ela tem outros padrões de armazenamento. A reposição de produtos. Enquanto tomate e macaxeira, você tem que renovar quase todo dia, sandália de couro e boneca de barro têm outro ritmo de abastecimento... ela tem outro público consumidor, que são mais turistas".

Os autores também pretendiam estudar a aceitação desse deslocamento e

"permitindo que os feirantes se comportassem como proprietários individuais dos lotes, cada um transformou seu banco de feira

AO LADO
BOTAS DE COURO E CAMURÇA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

ABAIXO
SANDÁLIAS FEMININAS DE COURO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.





numa loja com a cara que ele queria, ...a Feira de Flores, que antes tinha barraquinhas vendendo flores e passou, em determinado momento, a ser depósito."

Informações da época[5] indicam que o projeto foi feito com preocupações humanísticas para que houvesse condições adequadas a uma melhor adaptação. Neste projeto, constava a construção dos Mercados de Carne e de Farinha, da Central de Abastecimento de Caruaru (Ceaca), de um Distrito Atacadista, do Memorial da Feira e incluía ainda a revitalização do centro da cidade.

A última feira em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi realizada no dia 16 de maio de 1992. Às 6h do dia 17 de maio, os feirantes já caminhavam com os produtos de seu trabalho para o Parque 18 de Maio. Lá, a feira foi disposta espacialmente em forma convexa, de modo previamente planejado (Miranda, 2004). Segundo este autor, a intenção da prefeitura foi retomar o centro como ponto de comércio formal para a cidade, solucionando seus inúmeros conflitos com a Feira, dotando esta última da infraestrutura necessária. De 22.760m², com 1861 barracas e 4 mil feirantes (dados de 1982), "a feira passou a ocupar área seis vezes maior, com 154.440m², permitindo, assim, a possibilidade futura de um aumento considerável no número de comerciantes, chegando a ter, em 2004, crescimento de quase 500%", com um montante contabilizado de 28 mil feirantes (Miranda, 2004).

Em 1993, a cidade possuía 200 pequenas fábricas de calçados, produzindo cerca de 60 mil pares

ABAIXO
TRANSPORTE DE GADO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

À DIREITA
FEIRA DO GADO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.





por semana. Destes, 15 mil eram destinados à Feira de Sapatos, que se localizava ao lado da Sulanca, e o restante era comercializado em outros estados brasileiros, como o Amazonas, São Paulo, Pará e Minas Gerais. A prática de produção em larga escala, em Caruaru, está relacionada diretamente à quantidade consumida na Feira.

Ainda em 1993, um novo movimento econômico e populacional modificou certa característica da cidade. O Alto do Moura passou a ser um bairro visado pela elite, iniciando-se aí a construção de casas requintadas. Artistas de alta posição social buscam residir no Alto do Moura, relatado por alguns turistas como o paraíso da paz. A tranquilidade e a simplicidade dos artesãos predominam no local.

No ano de 1995, teve lugar em Caruaru o XIII Festival Internacional do Folclore de Caruaru e a XVIII Semana Internacional do Artesão. Grupos da Alemanha, Dinamarca, Espanha, Itália, Eslovênia e Taiwan presentearam os caruaruenses com demonstrações representativas de seus costumes. Toda essa riqueza é um reflexo da grandeza da Feira de Caruaru, que difundiu assim para a Europa uma amostra de sua arte e costumes. Houve apresentações de grupos do Maranhão, Rio Grande do Sul, Paraíba, Bahia e de algumas cidades pernambucanas.

Em 20 de outubro de 1995, foi inaugurado o Espaço Cultural em homenagem ao historiador caruaruense Nelson Barbalho, falecido em 1993, que contribuiu substancialmente para a formação intelectual histórica da cidade. Além de manuscritos inéditos e toda sua obra, o espaço abriga objetos pessoais.

Sobre as novidades da Feira surgidas já no século 21, Miranda observa:

"Porém, com a enorme circulação de dinheiro e alta atração de feirantes e compradores, a Feira de Caruaru começou a necessitar de mais espaço, passando, então, a se expandir em direção às ruas próximas a ela, a partir do ano 2000." (Miranda, 2004).



REPENTISTAS SE APRESENTAM NO MUSEU DO CORDEL.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

Hoje localizada no Parque 18 de Maio, a Feira de Caruaru abriga a Feira Livre, a Feira dos Importados, a Feira do Artesanato e a Feira da Sulanca. A Feira do Gado está situada, como mencionado, no bairro do Cajá. Além do gado bovino, negociam-se nela cavalos, caprinos, ovinos, suínos e galináceos. Já a Feira Livre é composta das seguintes feiras setoriais:

• Feira das Frutas e Verduras;

• Feira de Raízes e Ervas medicinais;

• Feira do Troca-Troca;

• Feira de Flores e Plantas ornamentais;

• Feira do Couro (calçados, chapéus, bolsas, coletes, feitos deste material);

• Feira Permanente de Confecções Populares ou Feira de Roupas, que funciona todos os dias;

• Feira dos Bolos, seção de goma e doces;

• Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho;

• Feira das Ferragens;

• Feira do Fumo;

• Feira Permanente dos Importados.

A estas "feiras" devem ser acrescentados os prédios do Mercado de Farinha, do Mercado da Carne e do Museu do Cordel, este dentro do recinto da Feira de Artesanato. Aos sábados – e, de vez em quando, em outros dias da semana – os visitantes podem encontrar cantadores entoando as rimas dos folhetos. Além disso, existem pelo menos duas oficinas de fabricação artesanal de instrumentos para bandas de pífano, de alfaias (espécie de tambor usado nos maracatus-nação) e outros instrumentos de percussão.

Dados das Feiras de Frutas e Verduras, Sulanca e de Artesanato – Ano de 2004

TIPO DA FEIRA	Nº DE COMERCIANTES	Nº DE COMPRADORES	VALOR COMERCIALIZADO EM 2004 (R$/ MÉDIA)
Frutas e Verduras	5.900	20.000/semana	3 milhões/semana
Sulanca	12.000 +10.000 invasores (sic)	100.000 alta estação 35.000 baixa estação	22 milhões/semana
Artesanato	400	10.000/semana	20 milhões/ baixa estação/semana 40 milhões/ alta estação/semana

FONTES: Coordenadoria de Comunicação – PMC, Associação dos Sulanqueiros de Caruaru, Associação dos Feirantes de Artesanato de Caruaru

Um equipamento associado à Feira é a Rádio Parque 18 de Maio. Trata-se de uma emissora local, cujos transmissores se localizam no próprio parque, operando por meio de um sistema de alto-falantes espalhados em toda a área da Feira. A programação consta de comerciais relacionados aos seus diversos setores, orientação aos compradores e turistas sobre a localização dos serviços que funcionam na Feira, como policiamento, além dos serviços médicos de urgência mais próximos.

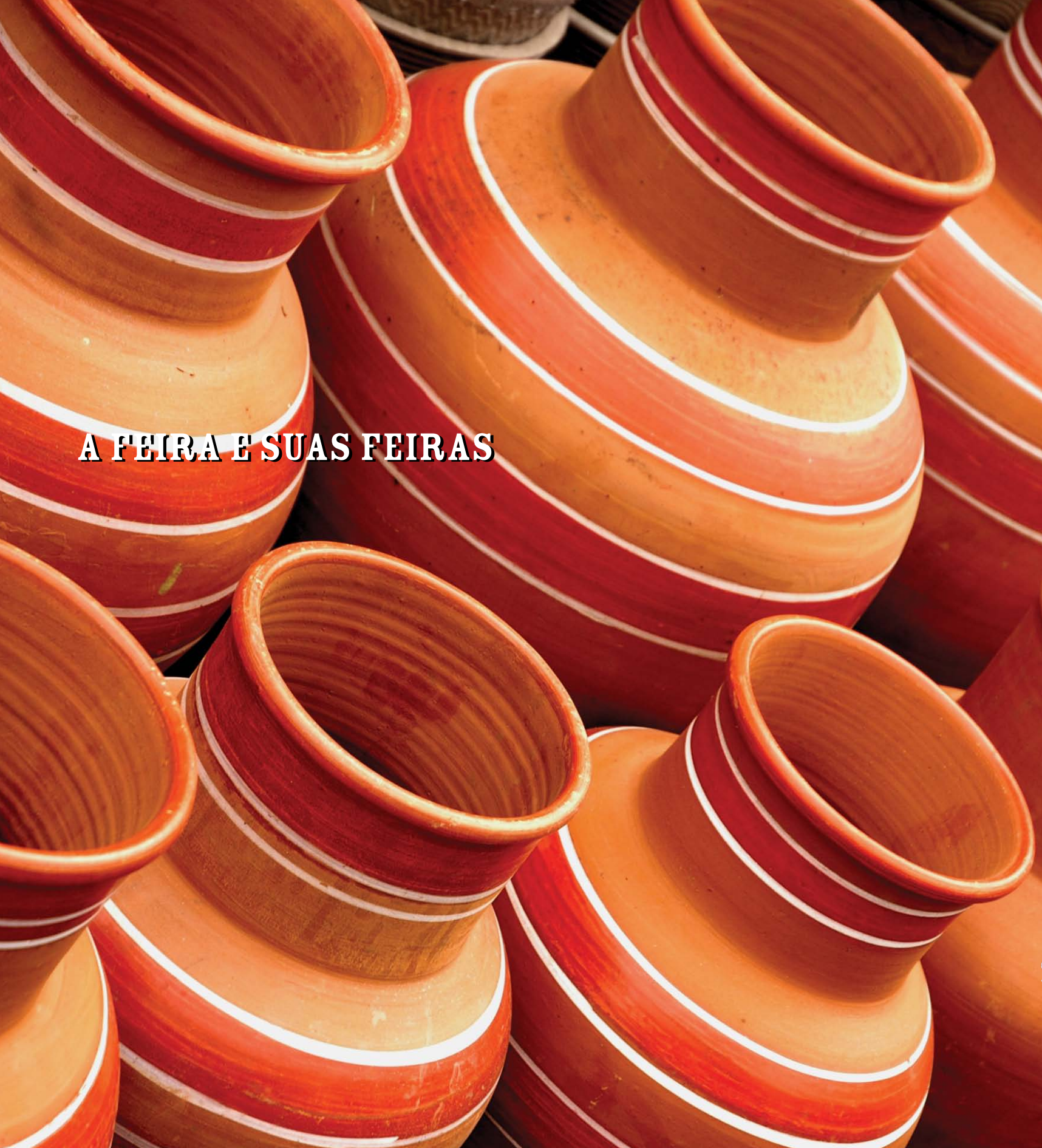
Dados do Censo de 2000 do IBGE mostram que Caruaru possuía 253.312 mil habitantes e um fluxo comercial cada vez mais intenso, o que ensejou a construção de um novo aeroporto.

Inaugurado em 23 de junho de 1999, possui pista de 1.800m de comprimento, o que permite o pouso de aeronaves de porte médio, além de balizamentos noturnos. A obra teve investimento de R$ 866 mil, numa parceria entre o governo do estado de Pernambuco e o Ministério da Aeronáutica. Em 2007, a companhia aérea BRA iniciou vôos semanais entre São Paulo e Caruaru, com escala em Recife, toda segunda-feira, na véspera das feiras da Sulanca e do Paraguai. Está em estudo uma linha aérea da mesma companhia, ligando o Arquipélago do Cabo Verde com Recife e Caruaru.

Segundo o Plano Diretor realizado pela prefeitura de Caruaru em setembro de 2002, o setor terciário tem importância extraordinária na formação do PIB municipal, com participação ligeiramente superior a 80% - percentual extremamente elevado e que revela a essencialidade da vocação histórica do município de Caruaru. A contribuição do comércio à geração da riqueza para o município é maior, assim, do que a da soma dos setores primário e secundário.

Atualmente, a cidade possui 15 agências bancárias, cinco faculdades que oferecem mais de 20 cursos superiores, sete emissoras de rádio, duas emissoras de televisão e uma terceira em fase de experiência. Conta com diversas entidades, como Clubes Lions e Rotary, Confederação dos Diretores Lojistas, Associação Comercial e Industrial, Lojas Maçônicas e Panathlon Club.

Desde março de 2001, Caruaru conta com um escritório de representação na capital do estado para os contatos com órgãos internacionais, governo federal, estadual e organizações não-governamentais. ■



A FEIRA E SUAS FEIRAS

PÁGINA AO LADO
POTES DE CERÂMICA.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

ABAIXO
BONECAS DE PANO.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

A FEIRA DO ARTESANATO



A briga práticas e sentido cultural específicos, que colaboram intensivamente para conferir-lhe o destaque e a importância já reconhecidos. Funciona oficialmente de segunda-feira a sábado – aos domingos são poucas as barracas abertas, principalmente as que envolvem artesanato figurativo.

Esta feira possui grande variedade de artigos e o mais procurado por turistas e por compradores-revendedores é o artesanato figurativo feito em barro, uma herança do grande precursor desta arte em Caruaru: Mestre Vitalino. Filhos e alunos dão continuidade a seu trabalho e retratam, na argila, os tipos humanos, homens e mulheres, presentes no cotidiano do local. Recriam figuras representativas das diversas profissões, desde médicos e dentistas a varredores de rua; perenizam marcas de veículos automotores, bandas de pífano, de rock, de forró pé-de-serra etc. Representam ainda os folguedos populares, as reminiscências do reisado e do maracatu que seus autores "brincaram" na juventude.

É muito significativa também a produção de artigos em barro de bens utilitários: o kit feijoada, os vasos para plantas de inúmeros formatos; os espelhos, os jarros, as luminárias de argila, os brinquedos para crianças e adultos. Entre estes outros, o mané-gostoso, o pião que roda desenrolando um barbante nele envolvido; várias criações do brinquedo chamado de rói-rói (por produzir um ruído

FEIRA DE ARTESANATO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



característico de algo sendo roído) e um sortimento enorme de bonecas de pano, das mais distintas formas, cores e tamanhos.

No artesanato em xilogravura, é possível encontrar centenas de capas de poemas de cordel, além das produções dos *patrimônios vivos*[6] Dila e J. Lopes. Este último, natural de Bezerros-PE, possui uma barraca onde sua mulher vende pinturas que expressam o cotidiano do homem e da mulher sertanejos e agrestinos, a geografia dessas regiões, as praias litorâneas e os folguedos populares.

Os vários tipos de bordados vêm geralmente do Ceará, de Sergipe, de Passira-PE, de Pesqueira-PE, entre outros. Poucos são os bordados e os artigos de crochê produzidos em Caruaru mesmo: estes se restringem mais a artigos destinados à cozinha, como panos de prato com os dizeres "Lembrança de Caruaru".

Há também nessa feira os artigos de palha e vime; artigos ornamentais feitos em couro, cru ou curtido (encontrados tanto aqui como na feira específica de couros e calçados); literatura de cordel; produtos em madeira, entre talhas e brinquedos; roupas (que podem ser de fuxico, de renda, camisas com ditos populares, roupas estilo indiano etc., além das produções locais, da Sulanca); bolsas (de corda, de couro, de fuxico, de palha, de tecido, de linha); imagens sacras de barro, madeira, gesso, metal, entre tantas outras coisas.

Existem na feira artesãos – hoje em menor número do que antes do crescimento da importância do Alto do Moura – que criam peças nas próprias barracas. Outros, moradores de municípios vizinhos, distribuem suas criações entre donos de vários estabelecimentos comerciais da feira. Alguns destes não deixam endereço nem telefone para contato: entregam certo número de obras, dão o preço, se despedem, voltando qualquer dia, alguns meses depois, para buscar o que foi "apurado" das vendas. ■

ESTOURO DA BOIADA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

A FEIRA DO GADO

Sua importância é ímpar porque a criação de gado deu origem ao povoamento da região, constituiu a cidade de Caruaru, ocasionou o surgimento paulatino do comércio de gêneros de primeira necessidade, de vestuário, de artigos domésticos em geral, enfim, da grande Feira. Em termos socioeconômicos, é bastante representativa por ser a maior do Nordeste e, há dez anos, considerada a maior do Brasil. Chegou a suplantar, em volume de negócios, a Feira do Gado de Feira de Santana, na Bahia. Em Caruaru, a comercialização não só é do gado bovino, mas também de cavalos, bodes, artigos em couro, além de utensílios indispensáveis para as atividades dos vaqueiros etc. O gado negociado se divide em: gado "de corte" e gado "de recria".

A feira está localizada no bairro do Cajá, de frente para o aeroporto e para o aeroclube de Caruaru. Tem início toda segunda-feira à noite, com a chegada dos boiadeiros e das manadas, e se prolonga madrugada adentro. Os comerciantes vindos nesse horário podem pernoitar no local, armando a rede em um cômodo específico, junto com os demais. O visitante que quiser se divertir durante a noite pode optar pelo cabaré estabelecido dentro do recinto da feira, que funciona todo o tempo que durar a movimentação de pessoas.

Na terça-feira, o dia começa agitado. Quem estiver entrando na Feira de Gado se depara com um estacionamento lotado de carros e caminhões. Em meio a uma multidão de produtores, criadores e compradores, boxes ou barracas ostentam artigos de uso para vaqueiros, além de vendedores de ferro para marcar bois e cabras. Antes de chegar às grandes áreas dos



currais, o visitante ou comprador se depara com a transmissão local da Rádio Sistema Sonoro da Feira do Gado, ligada aos Sistemas Sonoros do Terminal Rodoviário de Caruaru, da Feira da Sulanca, da Ceaca (Central de Abastecimento de Caruaru) e do Parque das Feiras. Essa rádio exerce a função de divulgar anúncios para as pessoas que trabalham com agropecuária. Assim, são divulgados durante a

FEIRA DO GADO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



feira anúncios de medicamentos, vaquejadas, de utilidade pública etc.

O Estado é responsável pelo controle da vacinação do gado contra a febre aftosa e nenhuma transação pode ser efetuada sem a apresentação do cartão de vacina do animal. O grande corredor que dá acesso aos bois que estão sendo vendidos é bastante perigoso de se percorrer, uma vez que muito facilmente os animais se soltam e acabam gerando tumultos e correrias, que muitos veem como uma espécie de diversão perigosa.

A Feira de Cavalos se situa num grande cercado dentro da Feira do Gado. As negociações são feitas da mesma forma e, dentre as raças mais procuradas estão o mestiço, o quarto de milha e a inglesa. É comum a imagem de pessoas montando em alta velocidade para testar a capacidade de freio do animal.

O público envolvido é composto de compradores, criadores, produtores, firmas e interessados no agronegócio. Cerca de 10 mil pessoas circulam pela feira, oriundas dos mais diversos municípios de Pernambuco. Na época da safra, ou do "boi gordo", o gado vem do Piauí, Maranhão, Tocantins, Goiás, Pará, Bahia e Minas Gerais. Na entressafra, 80% do gado é proveniente do Nordeste. Já o gado de recria vem do Piauí e do Maranhão, além de Pernambuco e estados próximos. A feira é importante para a vida local, já que são realizadas cerca de 2.500 negociações por dia, rendendo, em média, um milhão a R$ 1,2 milhão. A prefeitura recebe R$ 3,00 por cabeça de gado negociada. Com isso, arrecada impostos para o município e contribui para a economia local. ■

FEIRA DA SULANCA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

A FEIRA DA SULANCA



Na pesquisa para o registro, a Feira da Sulanca foi incluída na totalidade da Feira de Caruaru pelo sentido cultural diferenciado que possui para a população local, regional e nacional, além do sentido socioeconômico. Grande parte das atividades comerciais de Caruaru e um montante considerável de empregos para a população se concentra na Feira da Sulanca e dela provém, a partir da

FEIRA DA SULANCA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

quantidade significativa de serviços e atividades remuneradas que ela desencadeia a cada semana.

Além disso, essa feira dá um sentido bastante peculiar à cultura da cidade e de municípios próximos, sobretudo no que toca à valorização dos produtores de confecções populares. Estas, atualmente, passam por processo de melhoria qualitativa, com programas estaduais de criação de grifes populares, que contam com a participação do Sebrae e de outros organismos. Há que se destacar também as mudanças culturais no âmbito de relações de trabalho, de produção, e de comercialização, decorrentes da ampliação da área de influência das vendas, que hoje se estende até São Paulo e compete com a produção de confecções daquele Estado.

A partir das 4 h da manhã de terça-feira, o movimento no local



da Feira da Sulanca começa a se intensificar, pois esta é a maior feira da cidade, com cerca de 10 mil barracas, contendo confecções populares de todos os tipos. Os produtos a serem vendidos ficam armazenados normalmente em áreas próximas, como em boxes na Feira de Ferragens. Quando são provenientes de outros municípios – sobretudo de Santa Cruz do Capibaribe e de Toritama – as mercadorias são geralmente trazidas em jipes.

O programa "Boas Compras", de apoio ao comércio popular, coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano do governo de Pernambuco, editou, em 2003, os seguintes dados referentes ao desempenho de natureza socioeconômica desse polo de confecções populares que abrange Caruaru e os dois municípios acima referidos:

FEIRA DA SULANCA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



• 12.100 empreendimentos industriais, dos quais 90%, informais;

• 76.700 empregos;

• 57.800.000 peças produzidas por mês;

• fabricação de 14% da produção nacional de *jeans*;

• pluralidade de produtos, incluindo malharias, *jeans*, camisaria, roupa íntima; *sport wear* e banho.

Sua grande dinâmica comercial ensejou, inclusive, a elaboração de um plano de segurança para as estradas federais que passam por Caruaru nos dias da Feira da Sulanca, por ocasião do I Seminário Sobre a Feira da Sulanca, realizado em 2005, em promoção conjunta do governo federal e estadual de Pernambuco. A finalidade desse plano seria diminuir as ocorrências de assaltos a veículos que transportam compradores e revendedores.

O transporte dos produtos até as barracas é feito por meio de carroceiros, que levam os fardos de confecções e os manequins. O ritmo é frenético e intenso, gerando um mercado paralelo de pessoas que aproveitam a movimentação para ganhar dinheiro com a prestação de serviços ligados ao transporte, à venda de comestíveis e aos pregões dos produtos. É possível observar muitas barracas de lanche, mototaxistas e vendedores dos mais variados produtos. Enquanto isso, chegam os ônibus, as bestas (vans) e os jipes de compradores dos mais diversos lugares: Sul da Bahia, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e sul do Ceará, além de Pernambuco.

Os feirantes da Sulanca atuam, em sua maioria, nas três grandes feiras dos municípios que formam o triângulo das confecções do Agreste pernambucano. A feira atinge principalmente um público de pequenos revendedores e a maioria dos produtos é comercializada no atacado. As vendas no varejo implicam um certo aumento no preço final do produto. Muitos sulanqueiros, como são chamados seus comerciantes, vendem roupas produzidas por eles mesmos e seus familiares, frutos das fábricas caseiras.

Essa feira é de grande importância para a vida local e contribui enormemente para sustentar a economia da cidade, ocasionando a procura de artigos de cama e mesa e de confecções mais sofisticadas nas lojas, butiques e shoppings da cidade de Caruaru. Além disso, a Sulanca ajuda no aumento das vendas nas outras feiras, especialmente na de Importados e na de Artesanato, pois os proprietários de boxes chegam a alugar a frente de seus estabelecimentos para os sulanqueiros. ■

PÁGINA AO LADO
FEIRA DA SULANCA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

A FEIRA DO "PARAGUAI" OU DE IMPORTADOS

Poderia também ser chamada de *Feira da China*, pois a maioria das mercadorias comercializadas é de origem chinesa. Está localizada em local contíguo ao da Feira da Sulanca e o fluxo maior de compra e venda ocorre nos dias em que aquela funciona. Nela se vendem produtos importados do Paraguai e, hoje, em maior escala, de São Paulo.

A prática da pirataria e da falsificação, contudo, foi bastante reduzida desde o ano de 2004, devido à ampliação da fiscalização na fronteira Brasil/Paraguai, sendo cada vez mais rara a figura do intermediário que traz o produto deste país. O aumento dos preços dos produtos também tem sido um dos efeitos dessa fiscalização e tributação.

Os protagonistas desse comércio são constituídos pelos consumidores da feira, os intermediários, os donos das barracas e os revendedores (motoristas de ônibus que transportam os compradores para a Feira da Sulanca e, oportunamente, para a dos Importados, além dos próprios sulanqueiros compradores-revendedores).

A importância dos produtos importados reside principalmente na perspectiva de preços mais baixos para os compradores e revendedores, ao mesmo tempo que representa fonte de renda adicional.

Além disso, as relações entre vendedores e compradores são caracterizadas pela informalidade e pela proximidade física, gerando mais possibilidade de se regatear preços, obter informações adicionais sobre produtos e outros tipos de interrelacionamento. ■


MT Presentes
PREFEITO
Tony Gel
JORNAL DO COMMERCIO
YOU

A FEIRA LIVRE E SEUS SETORES



VENDA DE FRUTAS E VERDURAS.
FUNDAÇÃO DE CULTURA DE CARUARU
FOTO: JOÃO TAVARES.

FRUTAS E VERDURAS

Numa sucessão de barracas formando várias alamedas, a tradição e os costumes centenários permanecem, se perpetuam, constituindo um lugar onde se pode escolher os produtos fresquinhos na parte da manhã. Nesse setor podem ser observadas relações de amizade e troca de saberes entre vendedores e compradores, com o costume, entre os mais pobres, de deixar as compras para o final da tarde, porque há a possibilidade de adquirirem o indispensável para sobreviver com os preços mais baixos.

RAÍZES E ERVAS MEDICINAIS

A Feira de Ervas é um local que abriga práticas importantes, do ponto de vista das tradições da medicina popular, que incorporou contribuições indígenas dos povos que aqui habitaram, além de africanas, ibéricas, judaicas e flamengas, difundidas no tempo da dominação holandesa em Pernambuco e nos estados ao Norte, até o Ceará. Toda essa herança, num campo tão significativo e vital para a existência humana, possui enorme riqueza de sentidos culturais específicos.

Esta feira funciona durante a semana, exceto aos domingos. É formada de 35 barracas, em média, nas quais pode ser encontrada grande diversidade de ervas, raízes e medicamentos. A maioria destes são adquiridos nos sítios do município ou de regiões próximas, mas a pesquisa para o registro identificou feirantes que plantam nas próprias casas ou sítios ervas como aroeira, angico, arruda, alecrim, babosa, hortelã miúda, capim-santo, entre outras.



FEIRA DE ERVAS.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

Além das ervas e raízes, estão disponíveis para aquisição grande profusão de imagens de santos católicos da devoção popular e de entidades do xangô/candomblé, da umbanda e da jurema. Nas prateleiras, há bebidas com fins medicinais; bonecos portadores de forças da esquerda (conforme a crença e a nomenclatura do povo-de-santo e denominados vulgarmente de magia negra); medicamentos caseiros de uso cotidiano; amuletos; misturas embaladas para chás ou banhos rituais "para afastar mau-olhado, inveja, doenças etc.", como explicam os vendedores. Também estão à venda materiais usados por religiões de matriz africana, como ervas e raízes para banhos rituais ou de descarrego, para chás, para defumadores e outros. Dentre os medicamentos caseiros, destacam-se os lambedores (remédio caseiro para a tosse), os descongestionantes nasais e as garrafadas. Muitos desses remédios são produzidos pelos próprios vendedores.

Os feirantes entrevistados consideram que os maiores problemas desta parte da feira são relacionados à segurança e à falta de organização. Já o lado positivo está relacionado à possibilidade de gerar renda.

Na Feira de Ervas podemos encontrar figuras de relevância como Manuel Quirino, conhecido como "o médico da Feira", famoso por receitar remédios e fazer consultas espirituais. Vale também destacar o caso do vendedor Biu da Raiz, "o raizeiro doutor", já falecido. Formado em História e Direito, não exercia nenhuma das profissões. Preferiu dedicar-se apenas às ervas, inclusive estudando sobre elas, tornando-se, pouco a pouco, autodidata em medicina clínica. Salviano, filho de Biu, juntamente com a mãe e a mulher, levaram adiante o negócio e a arte iniciada pelo pai, mantendo vivos a tradição e os conhecimentos das ervas medicinais.

O público é constituído por pessoas das várias religiões de origem africana e de gente que "faz fé" nos remédios fitoterápicos (o que inclui pessoas da região e turistas). A importância desta feira está na guarda e reprodução destes saberes, aliados a uma constante atualização dos conhecimentos medicinais provenientes das vertentes indígena, ibérica, africana e judaica, guardados na memória viva das gerações que se sucedem.

TROCA-TROCA

É considerado um setor da grande feira que abriga um conjunto de práticas e comportamentos socioculturais

FEIRA DO TROCA-TROCA.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA
DA COSTA.

muito específicos. Um todo complexo que envolve costumes centenários ligados à instituição do escambo ou à economia baseada na troca de bens, muito frequente no interior do território do Brasil-colônia, em razão da precária e quase nula circulação de moedas.

Neste sentido, representa um espaço importante de resistência socioeconômica e cultural, motivado não só pelas condições econômicas adversas de boa parte da população, que tem na prática do troca-troca uma via recorrente de acesso a bens de consumo duráveis. Há também um dado cultural não desprezível: o de práticas que, antes ditadas pela necessidade, hoje se tornaram ocasiões para a constituição de redes de sociabilidades, sobretudo entre a população masculina.

Esta feira é realizada aos sábados, iniciando-se a montagem de barracas e a disposição de objetos espalhados pelo chão aproximadamente às 7h, e encerrando-se a atividade a partir das 11h. Os produtos comercializados são prioritariamente de segunda mão. Na maioria, pertencem aos próprios vendedores – que às vezes funcionam como intermediários de outras pessoas – ou são frutos de trocas anteriores.





FEIRA DO TROCA-TROCA.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS

Entre os artigos vendidos, é possível encontrar bicicletas, rádios, televisores antigos, motores de carro, bolsas, relógios, sapatos, roupas, peças de computadores antigos, aparelhos eletrônicos em geral e saídos de linha etc.

Ocorre também a venda de produtos com procedência duvidosa, daí as costumeiras batidas policiais para averiguação. As frequentes batidas podem ocasionar a diminuição desta atividade a longo prazo, já que muitas vezes penalizam culpados e não-culpados. Seriam mais eficientes se feitas em decorrência de mandados de prisão e/ou de denúncias formais sobre roubos de artigos comercializados ou trocados, restringidas aos indivíduos denunciados e não a todos os vendedores.

As barracas desse setor são de uso temporário e o que mais se vê é a colocação dos produtos no chão ou em calçadas próximas, sobretudo quando se trata de caixas com artigos pequenos. A comercialização é feita com dinheiro ou por meio da troca de produtos. O preço é algo extremamente negociável.

Enfim, a Feira do Troca-Troca remete às origens da prática do escambo no Brasil-colônia, mantendo e recriando formas de sociabilidade que nos colocam diante de uma das formações culturais mais interessantes de Caruaru.

FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS

Setor digno de registro por ostentar sentidos culturais diferenciados, tanto para a população local como para os compradores e revendedores de fora do município. Essa feira é uma importante fonte de pesquisa sobre preferências estéticas do povo do agreste, além de expor os produtos das relações entre o clima e a vegetação local e das redondezas. Proporciona, ainda, uma via de escoamento para essa produção, proveniente, em sua maioria, das terras altas dos municípios vizinhos a Caruaru que fazem parte da microrregião do Brejo Úmido.

A Feira de Flores e Plantas ornamentais está localizada próxima

FEIRA DAS FLORES.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



ao Mercado da Carne, com dez barracas, em média, que funcionam de segunda a sábado. Os produtos são trazidos por distribuidores da microrregião acima citada, sendo que uma parte provém também da Fazenda Holambra, São Paulo, e de outros lugares.

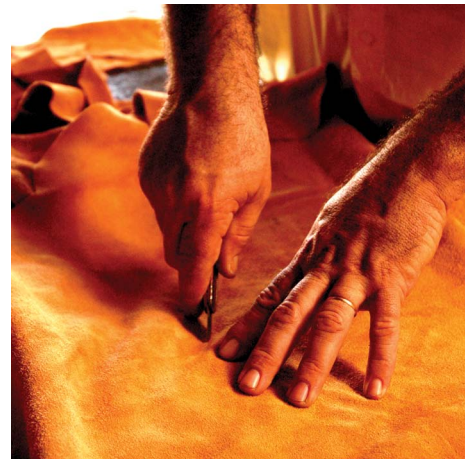
As barracas são, em sua maioria, feitas de madeira e as espécies de flores mais procuradas são o monsenhor, a calábria, a celsa e o gladíolo. O movimento deste setor é muito importante para a economia local, principalmente em datas comemorativas como Dia dos Pais, das Mães, dos Namorados, Finados e Natal. Observa-se atualmente um aumento na procura de plantas nessas datas, devido, talvez, a uma crescente valorização das flores por parte da população nordestina, antes menos afeita a presentes deste tipo. As flores ornamentais eram mais empregadas nas cerimônias religiosas. Provas disso são o crescimento do plantio nesta área, os eventos e a dinâmica desta feira. Um fato importante é o caráter familiar desse tipo de comércio e a transmissão da atividade de pais para filhos.

COURO

A Feira do Couro está entre as mais antigas, pois liga-se ao ciclo econômico do gado – do qual o homem brasileiro sempre aproveitou não só a carne, mas também o couro dos animais para confeccionar componentes do vestuário (gibões, por exemplo), calçados (as sandálias típicas dos vaqueiros), bolsas, sacolas, ornamentos e utensílios domésticos. A partir da cultura que floresceu no Ciclo do Gado, o setor abriga práticas tradicionais e sentidos culturais específicos,

CORTE DE COURO PARA A CONFECÇÃO DE PEÇAS UTILITÁRIAS E DE VESTUÁRIO. FOTO: AURÉLIO FABIAN.





de grande importância para a identidade nordestina.

Além da grande diversidade de calçados, podem ser encontrados inúmeros outros artefatos de couro. Os produtos aqui ofertados, no entanto, são vendidos também na Feira do Artesanato, às vezes em maior variedade. São dispostos em bancos que ficam de um lado e de outro das ruas destinadas a esta feira, que funciona de segunda a sábado. Os produtos vêm principalmente do Ceará e Bahia e poucos são os calçados produzidos em Caruaru. As compras são feitas exclusivamente à vista, pois não há um sistema de crediário como o da maioria dos boxes da Feira de Roupas.

CONFECÇÕES POPULARES

Esta feira funciona exceto aos domingos, tendo um número aproximado de 300 barracas. Não pode ser confundida com a Feira da Sulanca, pois, esta é muito maior, e funciona apenas nas terças-feiras. No entanto, a Sulanca fornece a maior parte das roupas vendidas neste setor. Outra parte provém das próprias fábricas do polo de confecções populares. Os vendedores pagam impostos à prefeitura, de acordo com a quantidade de barracas que possuem. Apontam como aspecto

FEIRA DE ROUPAS.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

positivo o fato de estarem empregados e de terem uma renda, mas indicam como ponto negativo a falta de segurança, de sanitários e o fraco movimento – exceção feita ao final do ano. A diminuição de compradores se deve ao fato de que uma grande variedade de produtos é oferecida na Feira da Sulanca, para onde converge toda a região e os demais estados já assinalados – o que não acontece nesta área da Feira Livre.

Além de roupas para todas as faixas etárias, existe um setor dedicado a artigos de bebê (roupa, lençóis, fraldas, adornos, entre outros). Ali, aproveitando-se a calma gerada pelos poucos compradores – visitantes ocasionais e habitantes de Caruaru – que é possível observar mulheres que fazem crochê e tricô para venderem nas próprias barracas.

Disponibiliza durante a semana os mesmos artigos populares fabricados em Caruaru e demais



cidades. Reproduz, assim, em escala menor, a Feira da Sulanca, como ponto de escoamento de uma atividade específica e representativa da criatividade da região. Como fato econômico, contribui para o crescimento do município e para o aumento na oferta de empregos.

BOLOS, GOMA E DOCES

A Feira dos Bolos e dos Doces possui um significado especial para o público ligado, sobretudo, à culinária nordestina, como também à fabricação, exibição e venda de produtos típicos da doçaria da região. Mantém-se em plena atividade e é muito procurada e visitada.

São 18 barracas, em média, que funcionam de segunda a sábado. A maior movimentação ocorre nas terças-feiras, fato decorrente do grande número de frequentadores da Feira da Sulanca, quando multidões percorrem seus boxes e barracas para comprar e merendar.

Os produtos vendidos são bolos de diversos feitios e ingredientes, mas há também queijos do tipo coalho e artigos vendidos em supermercados, como enlatados, açúcar, bolachas típicas de Alagoas, Pernambuco, Paraíba etc. A variedade é grande: bolos de massa de mandioca, manuê, bate-entope, barra branca, o Souza Leão e

GOMA DE TAPIOCA.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.



PREPARO DA TAPIOCA.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.



BEIJU DE TAPIOCA.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

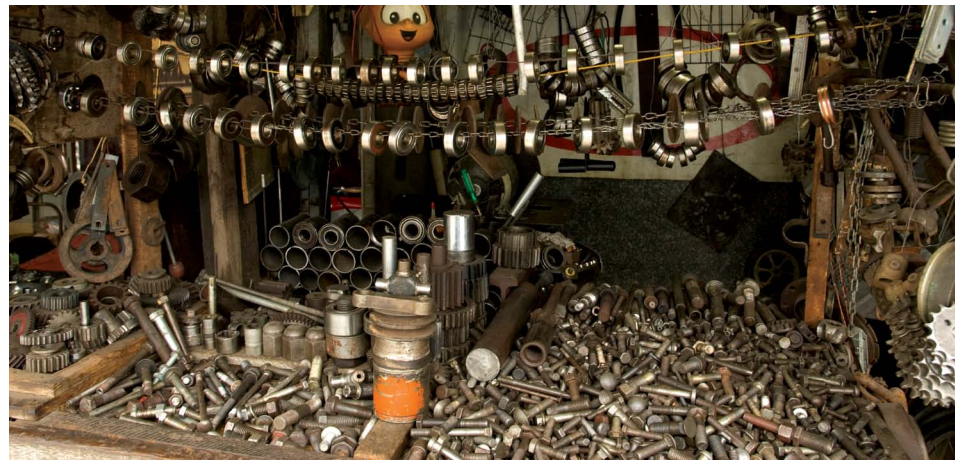


outros. Vendem-se também bolos de trigo como o celeste, o mata-fome, o pão-de-ló, o engana-marido, o agarra-marido; e de milho, de diversas formas e modos de preparar e de assar. Além disso, são comercializados diferentes tipos de bolachas, doces e salgadas, como o tareco, o coquinho e outras.

A grande maioria desses itens constitui, ainda hoje, parte cotidiana ou sazonal da culinária popular nordestina e o mesmo pode-se dizer da produção dos quitutes feitos com a goma.

A chamada Seção de Goma se estende em continuação à seção dos bolos. É composta de 12 barracas – cujo dia de montagem é variado, pois há vendedores que trabalham na agricultura e não montam os bancos todos os dias. A goma é a massa retirada da mandioca ralada e peneirada nas casas de farinha ou na cozinha doméstica, se for pequena a quantidade. Lavada diversas vezes, posta para apurar e entregue diretamente nas barracas, é trazida de vários locais, como do Estado de Alagoas, da cidade de Lajedo-PE e da própria Caruaru.

A goma ganha diferentes formas de tratamento, de acordo com a sua finalidade, ou seja, se é destinada para tapioca, papa, cuscuz, bolo, beiju ou farinha de araruta. Outro



FEIRA DE FERRAGENS.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

fator determinante para o estado da goma é o tempo de consumo. A prática local é a de vendê-la em estado petrificado – em pedra, costuma dizer o povo – para consumo de 8 a 15 dias. Pode também ser peneirada até transformar-se em pó, sendo então vendida para consumo imediato. Perto dessa seção, há uma área onde é colocada à venda a tapioca já pronta.

O público é composto por pessoas da região e turistas. A importância para a vida local é econômica e cultural, por manter tradições da culinária pernambucana e do Nordeste açucareiro, originadas nas cozinhas dos engenhos da época colonial, onde se amalgamaram elementos indígenas – a mandioca e determinadas ervas – , o coco utilizado pelos africanos e as formas de cozer, de torrar e de assar trazidas pelos portugueses. Além disso, esta feira ajuda a manter e a divulgar para todo o país e o para exterior a doçaria típica do Nordeste.

FERRAGENS

O sentido cultural específico desse setor é proveniente de práticas e comportamentos particulares vinculados às atividades de fabricação de objetos em oficinas localizadas no próprio espaço da feira, bem como da compra e venda dos produtos de flandres – como são conhecidas as chapas de zinco, latão e as ligas de alumínio que são utilizadas na produção de artigos utilitários, ornamentais e brinquedos. As "fábricas" atuais, mantidas entre as barracas de compra e venda, dão continuidade à confecção semiartesanal dos produtos antes provenientes das antigas oficinas de ferragem.

Esta feira se mantém em plena

REDES PRODUZIDAS EM TEAR ARTESANAL.
FOTO: ALCIR LACERDA.



atividade, com uma média de 35 barracas, abertas de segunda a sábado, com movimentação mais intensa no período matutino dos sábados e das terças-feiras. Os produtos oferecidos incluem panelas, pratos, vassouras, baldes, cordas, talheres, escorredores, churrasqueiras, cantoneiras, leiteiras, candeeiros, funis, entre outros. Dezenas desses artigos – por exemplo, a churrasqueira, feita com roda de carro – são fabricados a partir do reaproveitamento de peças usadas de outros produtos industrializados.

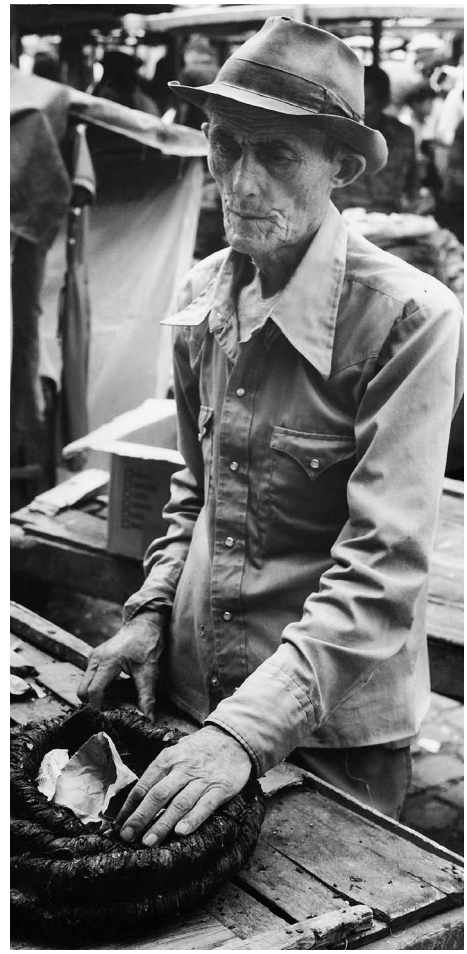
A criatividade, presente na atividade de criação e fabrico, nesta como em outras feiras, constitui um aspecto a se destacar no registro da Feira de Caruaru, em razão da permanência de práticas artesanais de reutilização de materiais sucateados, costume que está na contramão da sociedade do descartável, dos bens materiais constantemente renovados e das exigências do consumismo contemporâneo.

As barracas dividem funções: algumas delas destinam-se à venda de produtos; outras, ao seu fabrico. Outra função é a de depósito, tanto de produtos vendidos nesta feira quanto em outras, especialmente a da Sulanca. Esse costume de ceder espaços é recorrente e ditado pela rede de sociabilidades que se desenvolve na feira, além de fruto de um hábito instalado de ajuda mútua. Um outro dado interessante é a proximidade entre a "fábrica", ou a oficina de criação dos produtos, e a barraca de venda – remanescente da antiga contiguidade entre centro produtor e comerciante, ambos compartilhando o mesmo prédio.

Muitas barracas tiveram seus espaços ampliados por meio da conjugação com outras feitas de madeira ou ferro. Os proprietários pagam uma taxa semanal à prefeitura pelo espaço utilizado, além de um alvará anual. A segurança é feita por um funcionário particular.

É garantia de renda para os comerciantes a procura desses produtos do Nordeste, mantendo-se, assim, viva esta tradição local. Vários destes objetos – como os pequenos candeeiros (lâmpadas feitas com mechas de algodão,

VENDA DE FUMO DE ROLO.
FOTO: ALCIR LACERDA.



dentro de um pequeno vasilhame cheio de gás) – são comercializados tanto para fins utilitários como ornamentais, dependendo da condição socioeconômica e cultural dos compradores.

ARTIGOS DE CAMA, MESA E BANHO

Assim que os compradores e visitantes deixam o carro no grande estacionamento próximo à Feira do Artesanato, ou se apeiam dos táxis e ônibus no início do Parque 18 de Maio encontram uma rede de boxes que mais parecem pequenas lojas. Nelas há uma grande oferta de redes e mantas multicoloridas de Tacaratu, cidade pernambucana, também situada no Agreste. Há ainda toalhas de banho e rosto, toalhas e caminhos de mesa, objetos de artesanato artístico e utilitário, além de materiais para cozinha, quebra-luzes, porta-garrafas, porta-fósforos e porta-talheres.



FUMO

Composta por 8 barracas, em sua maioria administradas por senhores idosos que também são consumidores de fumo. Vende-se o fumo, oriundo de cidades próximas a Caruaru, a seda, isqueiros e fósforos. O produto é comercializado tanto na forma de cigarro, enrolado ou "embolado na hora", como na de "rolo de fumo".

O processo de fabricação é simples: depois de colhido, o tabaco é deixado a secar. Em seguida, é molhado e enrolado em forma de corda para ser comercializado. Para o consumo, basta cortar a quantidade desejada e enrolar no papel destinado a este fim. O público é formado por usuários de fumo, donos das barracas, compradores e

fornecedores. A importância cultural dessa feira reside na manutenção de uma prática de lazer entre homens adultos, além da reprodução do fabrico artesanal do cigarro de fumo. Importante também é o fato de servir como ponto de encontro dos usuários do produto, favorecendo a sociabilidade entre estes consumidores dispostos a manter a tradição do fumo em corda ou em rolo. Foi observado nesta feira, o hábito raro de colocar o fumo no cachimbo, usando-o desse modo, já que predomina o consumo sob forma de cigarro.

Com a aquisição desse produto em pedaços tirados dos rolos e com o hábito de comprá-lo, fumando-o no ambiente doméstico ou em rodas de conversa na porta das residências, nos sítios ou nos bairros populares de Caruaru e cidades vizinhas, o fumo da feira proporciona a continuidade de um lazer e sociabilidade tipicamente masculina, nas "conversas jogadas fora", entre amigos e conhecidos.

PRODUTOS IMPORTADOS

Esta feira é vizinha da Feira de Couros é composta de 20 barracas, em média. A diferença deste setor em relação à Feira do "Paraguai" é a permanência fixa neste local e no tempo, pois funciona de segunda a sábado e não apenas na terça, como esta última.

No entanto, aí geralmente se negociam os mesmos tipos de produtos como brinquedos de plástico, rádios de pilha, televisores, videogames, bonecos, perfumes, relógios, flores e plantas artificiais e desidratadas, eletroeletrônicos, eletrodomésticos etc.

A informalidade desse comércio tem aspectos positivos: o estabelecimento de relação mais estreita e menos formal entre patrões e trabalhadores e entre vendedores e compradores, bem como a prática de regatear os preços dos produtos. Propicia também, embora em dimensão menor, o conhecimento das redes de intercomunicações comerciais estabelecidas no nível nacional e do Cone-Sul, de acordo com o que Gustavo Lins Ribeiro (2006) classifica como "globalização não-hegemônica" ou "globalização popular".

Há ainda, dentro da Feira Livre, dois setores que são bens plenamente integrados ao conjunto das feiras, pois constituem locais de compra e venda dos produtos alimentícios de primeira necessidade que estão localizados em edificações especiais. São elas o Mercado da Farinha e o Mercado das Carnes.

VARIEDADE DE FARINHAS.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA
DA COSTA.

MERCADO DA FARINHA

Integrado à Feira de Caruaru, é visto como parte da Feira Livre. O Mercado da Farinha abre de segunda-feira à sábado, sendo que, neste dia, o atendimento se inicia às 3h da manhã e, nos outros, às 6h. A instalação é dividida por 20 comerciantes em média, que vendem farinha de mandioca, feijão carioca, feijão mulatinho, arroz, milho, entre outros. Alguns vendem também produtos industrializados como óleo e margarina. A produção que abastece o local tem origem diversa: o feijão, por exemplo, vem do Sertão de Pernambuco ou da Bahia, e a farinha, do município de Lajedo, além das casas de farinha do município de Caruaru.

O comércio funciona tanto no atacado, abastecendo os pequenos mercados da região,



MERCADO DE CARNES.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

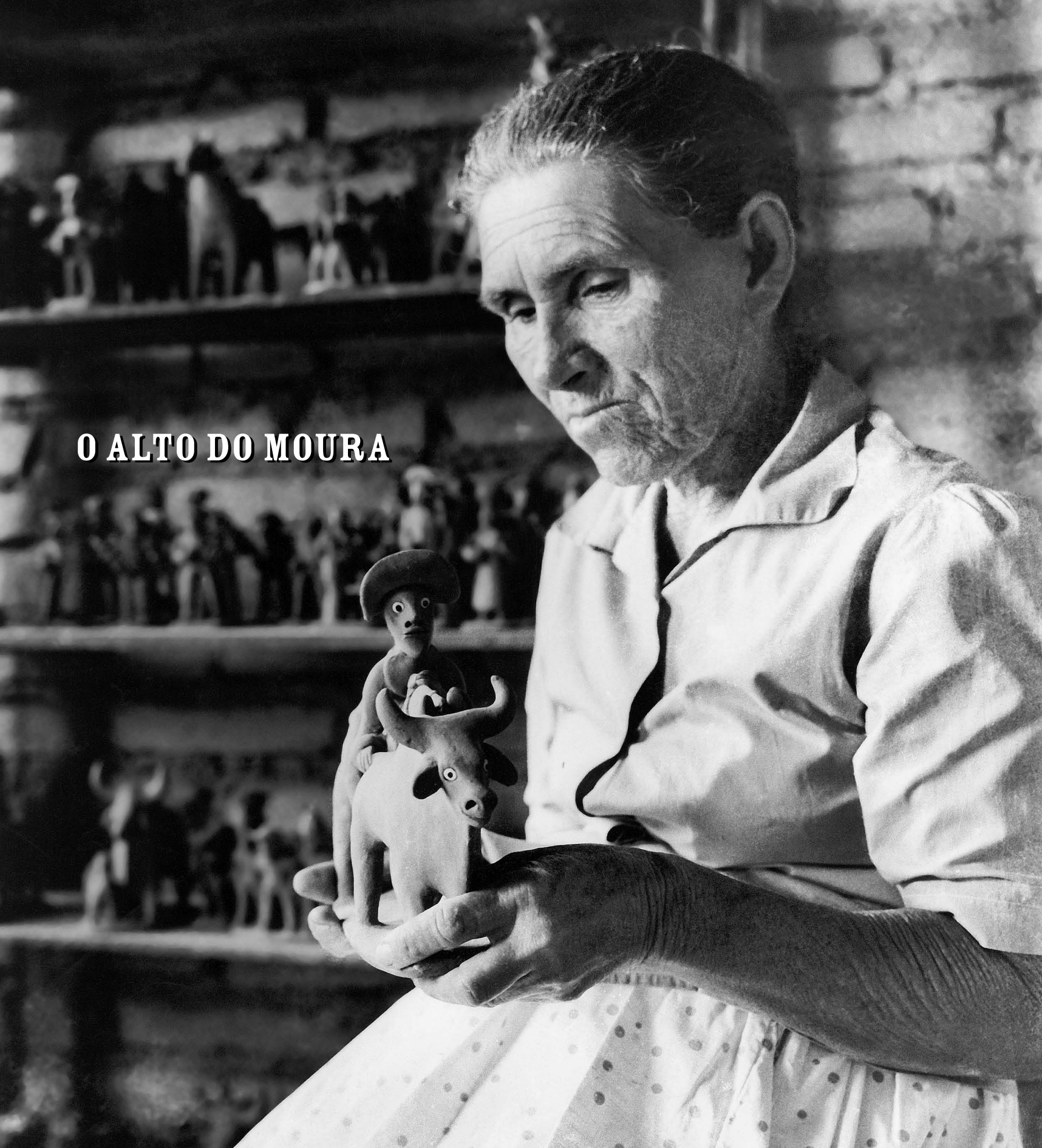


quanto no varejo, atendendo ao público em geral. O mercado é importante para a economia local por permitir o escoamento de produtos da região, alguns permanentes na mesa dos nordestinos, como a farinha de mandioca, o feijão e o milho. Este pode ser transformado em xerém ou utilizado em grãos, com os quais se fazem diversos tipos de comida, como o munguzá, de influência africana e nascido nas senzalas; o angu aguado e o doce, os bolos de milho etc. Sob o aspecto de colocar à venda produtos básicos para a culinária nordestina, o mercado tem peso cultural significativo, também constituindo um lugar repleto de significados próprios.

MERCADO DE CARNES

Vende a carne bovina que provém dos matadouros próximos à Feira do Gado e outras carnes. Internamente há uma divisão de espaço que não é muito rígida nem tem limites precisos. Logo na entrada, são vendidas as carnes em geral, como carne de boi, de porco, entre outras. No meio do mercado, vendem-se basicamente galinhas abatidas e, nos últimos boxes, são vendidos os chamados miúdos (como são conhecidas no Nordeste as partes comestíveis das vísceras dos animais).

Este é geralmente o local ao qual moradores de Caruaru acorrem para comprar carne, mas apesar disso, algumas pessoas que aí trabalham reclamam do movimento fraco. Além da comercialização das carnes, há pessoas vendendo panos de prato e sacolas de feira. ■



O ALTO DO MOURA

PÁGINA AO LADO
SENHORA NA CASA DE MESTRE VITALINO.
FOTO: ALCIR LACERDA.

A ARTE DO BARRO

Situado a aproximadamente 7 km do centro de Caruaru, é considerado pela Unesco o maior Centro de Artes Figurativas da América Latina. Constitui-se em um bairro de Caruaru e é cortado pelo rio Ipojuca e pela BR 232, ao sul. As atividades ali realizadas geram inúmeros empregos, transformando-se em uma base para o comércio de artesanato da Feira, para onde a maioria dos produtos são levados e vendidos.

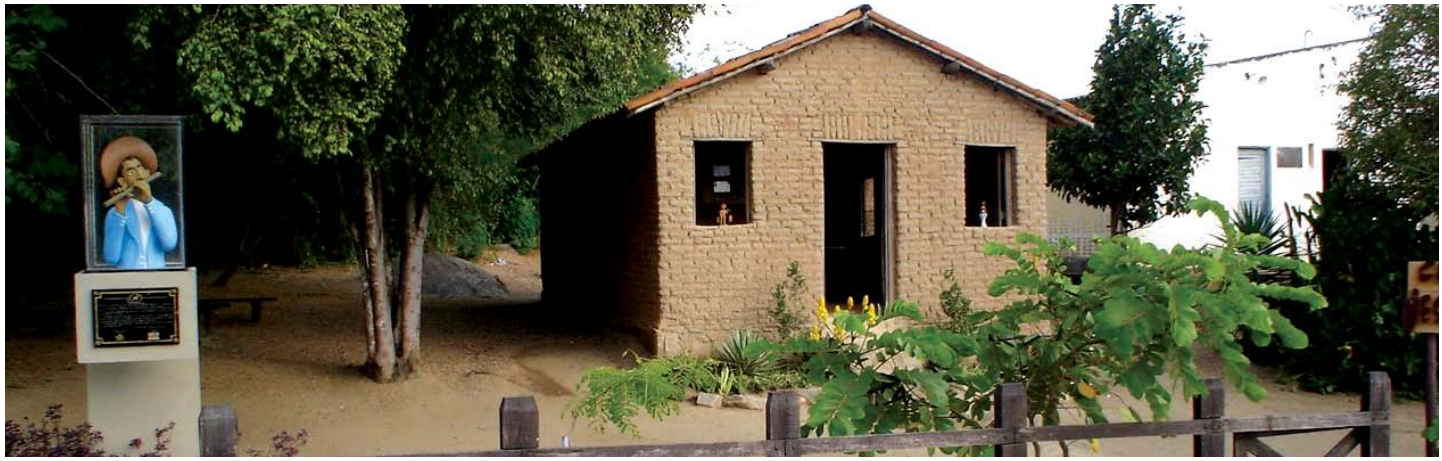
Povoado predominantemente por artesãos, o Alto do Moura abriga cerca de mil trabalhadores, sobretudo do barro, mas também de madeira e de outros materiais. Constitui um conjunto populacional de potencial enorme para a produção de formas de expressão cultural. Destaca-se também por ter sido o local de nascimento do Mestre Vitalino e do Mestre Galdino, grandes ceramistas, conhecidos nacional e internacionalmente por seus bonecos de barro.

Há apenas uma escola municipal de 1º e 2º graus e um posto de saúde para 6.167 habitantes, segundo o censo de 2000 do IBGE. O principal recurso hídrico do Alto do Moura é o Açude da Taquara, que serve como reservatório para abastecimento de grande parte dessa localidade. O ecossistema principal é o característico da região do Agreste de Pernambuco, que é a faixa inicial da caatinga, vegetação característica do sertão.

Na rua principal do bairro podem ser encontrados os diversos ateliês dos vários ceramistas locais, além dos inúmeros bares que ficam lotados, principalmente no mês de junho, quando turistas visitam Caruaru para o São João.

O nome Alto do Moura se deve, segundo os moradores, a um português chamado Moura, dono das terras elevadas que deram origem ao bairro. Este começou como uma pequena vila e, com o passar dos anos, transformou-se num bairro da cidade e celeiro de grandes artesãos. Atualmente, muitos artesãos se dedicam aos produtos de barro, como Severino Vitalino, Manuel Eudócio, Elias Santos, Luiz Antônio, Marliete Rodrigues e outros, que estão reunidos na Associação de Artesãos do Alto do Moura, fundada em 1981.

CASA MUSEU MESTRE VITALINO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



Cinquenta anos depois da "descoberta" de Mestre Vitalino por Abelardo Rodrigues, colecionador pernambucano radicado no Rio de Janeiro, a Feira de Caruaru deixou de atrair os artesãos do Alto do Moura. É o que revelou a artesã Marliete Rodrigues, em entrevista realizada em 2006. O fácil acesso ao bairro permite ao artesão receber os turistas e compradores em seu próprio ateliê. Houve, portanto, uma reversão da situação antiga, quando Mestre Vitalino, a mãe de Marliete e outros criadores percorriam a pé os 7 km entre o Alto do Moura e a Feira para vender suas peças. Hoje, Marliete Rodrigues vende peças para todo o Brasil e até para o exterior, sem sair do seu ateliê.

A situação acima descrita possibilita diversas análises: em primeiro lugar, demonstra a força da fidelidade à tradição familiar e a transmissão da atividade artística de pais para filhos em Caruaru. As condições socioeconômicas difíceis, portanto, não desestimularam a continuação da atividade no seio das novas gerações. Em segundo lugar, mostra a mudança da relação entre o local da Feira e a produção artesanal. Antes, o fluxo era do Alto do Moura para a Feira, pois os artesãos reconheciam nela o melhor lugar para a comercialização dos seus

SEVERINO DOS SANTOS, IRMÃO DE MESTRE VITALINO. CASA MUSEU MESTRE VITALINO. FOTO: ACERVO INRC

FEIRA DE CARUARU. FELIPE PERES CALHEIROS.



produtos artísticos. Mestre Vitalino, por exemplo, chegava com os filhos, carregando em tabuleiros os bonecos de barro. Espalhava a produção da semana sobre uma toalha, numa calçada da Rua Sete de Setembro, aí vendendo suas criações.

A partir do fenômeno da globalização econômica, intensificou-se o intercâmbio de bens culturais. Atualmente, artesãos como Luiz Antônio viajam para países distantes a convite de turistas e comerciantes, onde vendem, produzem e ensinam sua arte que, assim, ganha grande difusão e dispensa o espaço tradicional da Feira.

Ao receberem encomendas repentinas de viajantes nacionais e estrangeiros, os artesãos do Alto do Moura recorrem a parentes e amigos para dar conta da quantidade solicitada, além de envolverem seus aprendizes no serviço. Sob a orientação do mestre, a transmissão de saberes tradicionais assim se amplia.

Não é raro, atualmente, encontrar um ou outro artesão ensinando turistas europeus a amassar o barro para esculpir peças que reproduzem seu universo imaginário, sem a proteção dos direitos de autoria e de comercialização. O risco de patenteamento de sua produção no exterior tem sido crescente, o que está a exigir medidas rápidas de salvaguarda e de direitos autorais.

A comunidade de artistas, artesãos, pintores e fabricantes de artesanato utilitário aceita hoje encomendas quase sem intermediários e as vendem tanto no varejo como no atacado para a Itália, Alemanha, Japão e outros países. Esta comunidade que utiliza recursos vegetais originários da região também

À DIREITA
BONECOS DE BARRO SEM PINTURA.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

PÁGINA AO LADO
ARTESÃ DO ALTO DO MOURA.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA



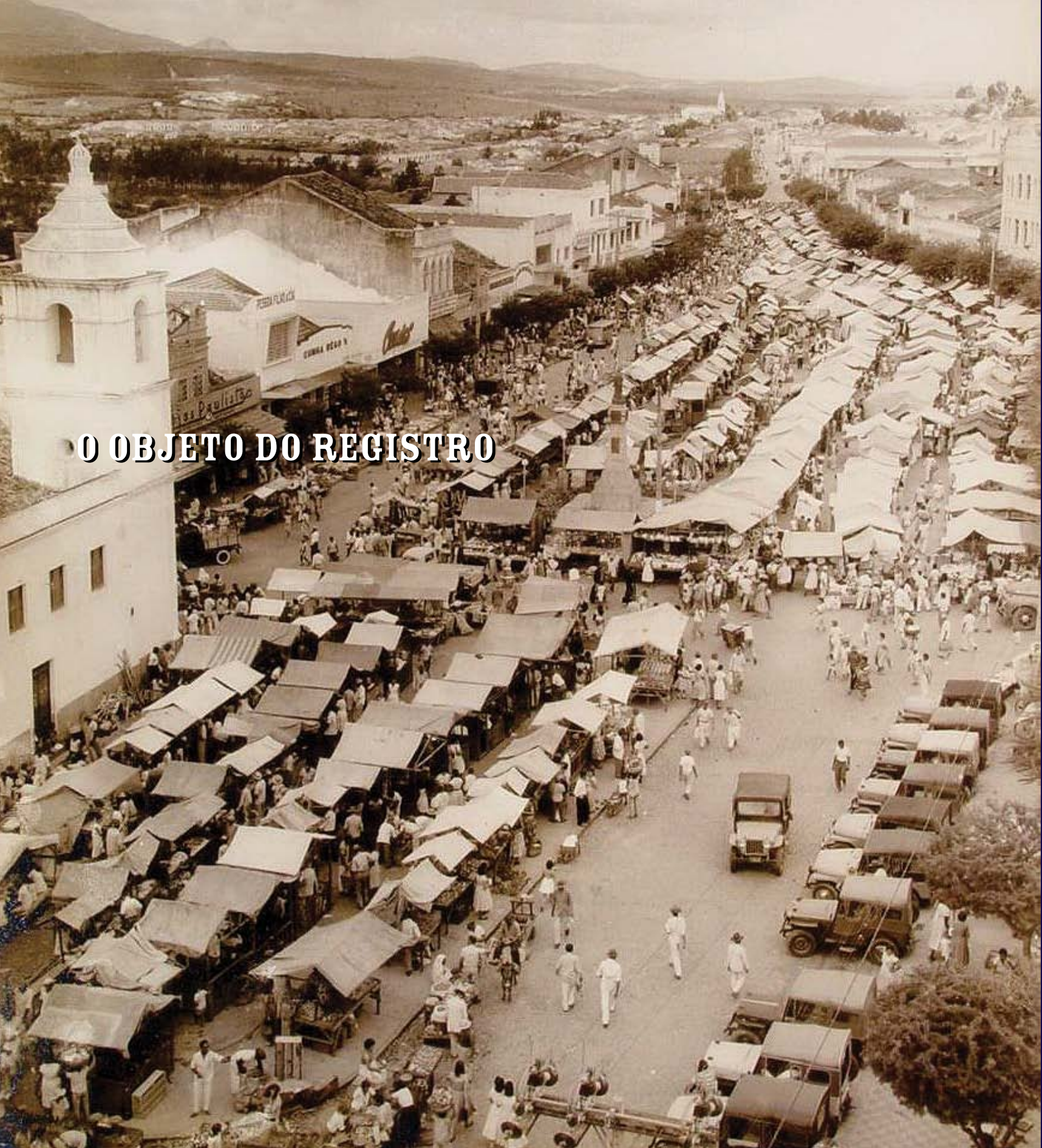
constitui, portanto, uma referência cultural associada à feira.

O Alto do Moura dispõe de acesso através do núcleo urbano, bem como pela BR 232. Além da Casa-Museu do Mestre Vitalino e da Casa-Museu do Mestre Galdino, congrega os ateliês e residências dos artesãos, os objetos de arte que criam, os modos de amassar o barro, cozinhar no forno e moldar que praticam. As "lojas" de vendas dos produtos de cada um deles são, muitas vezes, a própria sala de visitas da residência. Além disso, há diversos bares e restaurantes com pratos regionais e outros[7]. É digno de nota que seis peças dos Mestres Vitalino e Galdino e de outros artesãos vivos, como Manuel Eudócio e Luiz Antônio, estão expostas em museus de arte popular e/ou de artesanato na Europa.

O *Museu Mestre Vitalino* está situado na rua principal do bairro. O museu ocupa a casa em que viveu por décadas o precursor das artes figurativas de Caruaru, Vitalino Pereira, o Mestre Vitalino. Aí ele produzia suas peças e as levava para a Feira de Caruaru nas décadas de 1940/50, tornando-se conhecido nacional e internacionalmente. A edificação é também utilizada pelo filho do mestre, Severino Vitalino, para a produção de peças de barro que são vendidas para pessoas da cidade e turistas. O museu foi instituído por decreto municipal em 1971.

O *Museu Mestre Galdino*, mantido pela Prefeitura de Caruaru, abriga a produção mais conhecida de outro grande ceramista caruaruense, Mestre Galdino, que trabalhava o barro moldando-o em formas de seres imaginários e reais, misturando cenas cotidianas com as de um mundo fictício. ■





O OBJETO DO REGISTRO

PÁGINA AO LADO
FOTO HISTÓRICA.
ACERVO DA FOTOTECA
DA FUNDAÇÃO JOAQUIM
NABUCO.

AS FEIRAS COMO LUGAR

O conceito de Lugar começou a ser construído pela ciência antropológica a partir dos estudos sobre religião, inspirando-se na noção de "sagrado" e "profano" que, para Émile Durkheim (1989), representava a distinção formal entre espaço, ritual, local religioso e não-religioso. Cientistas sociais, como Mircéa Eliade, trabalharam intensivamente as questões referentes ao "lugar sagrado" em oposição ao "lugar profano". Aquele constitui o "centro do mundo", a morada dos ancestrais fundadores da tribo, do clã, a referência simbólica dos mitos de origem. Este, o local onde acontece a vida cotidiana, o trabalho, a luta pela sobrevivência ou ainda o espaço fora do território do povo, repleto de perigos, devendo ser evitada, por isso, toda circulação (Eliade, 1992).

Algo da conceituação do "lugar sagrado" passou para a noção contemporânea de Lugar, trabalhada por alguns antropólogos, sobretudo franceses, que estudam as sociedades modernas, como Michel de Certeau (1990) e Marc Augé (1994). Para eles – com algumas variações quanto às terminologias empregadas – *Lugar* é o espaço que se constrói culturalmente a partir dos significados que este possui para a sociedade estudada. Lugares são, portanto, espaços geográficos que conferem sentido e possuem um valor simbólico por fatores ligados à história da sociedade, às suas origens, à sua formação. É o território, a casa, a cidade onde se nasceu, cresceu, se amou, enfim, onde se vivenciaram experiências marcantes, cultivadas na memória. Por isto, os Lugares são como que extensões da *alma*;

são carregados de sentimentos de pertença ("este chão é nosso!", "aqui é o meu lugar!").

Muitas cidades do Oriente e do Ocidente se originaram de feiras, de mercados. Quanto a isso, do ponto de vista econômico, a Feira de Caruaru não se distinguiria de outras. Nem pelo seu gigantismo, porque existem muitos mercados e feiras de grande porte em muitas cidades. No entanto, a Feira de Caruaru se tornou um *locus* de encontros culturais significativos, a expressão maior da vida da cidade, do município e de toda a região circunvizinha. Isso porque, ao mesmo tempo, foi se tornando um centro de irradiação e de convergência da cultura local: cordelistas, músicos tocadores de pífano, artesãos do barro, da madeira, das ferragens e de outros materiais para ali acorreram, a descobriram e, em seguida, a marcaram como o espaço ideal para venderem seus produtos e mostrarem sua arte.

A Feira de Caruaru se tornou, pouco a pouco, uma grande vitrine aonde os criadores populares vão mostrar a criatividade artística de seus produtos, divulgá-los, vendê-los e irradiá-los para o Brasil e para o exterior. A feira se fez Lugar de convergência e de irradiação, portanto. De polo comercial importante, se transformou num polo de preservação da identidade e de resistência culturais.

Como foi descrito anteriormente, a Feira do Gado nasceu informalmente no final do século 17, num cruzamento e parada de tropeiros e vaqueiros, que levavam as manadas de bovinos para o sertão e traziam animais para o litoral, para o corte ou a engorda. O local se transformou em Lugar pouco a pouco, a partir das trocas comerciais que envolviam contatos culturais. Foi adquirindo sentido para aqueles grupos de pessoas, no início pouco diferenciados – tropeiros, boiadeiros, proprietários de terras – e posteriormente se diversificando, cada vez mais, com a presença de outros segmentos ocupacionais. Assim se deu o processo do povoamento, de fixação no território, o que exigiu a construção da capela, em cujo redor a vida social começou a acontecer. Criou-se um Lugar porque o local produzia sentido para a comunidade que nele habitava: ali se ganhava a vida, se festejava, rezava, vivenciava os ritos de passagem, como nascimentos, batizados, casamentos e os ritos funerários, velórios, sepultamentos, sufrágios.



CESTARIA.
FOTO: ALCIR LACERDA.

Ao crescer no imaginário da população como um Lugar, a Feira e a povoação a que deu origem também passaram a conferir sentido à rede de relações que se desenvolveu. Assim, o aglomerado de casas e a Feira se tornaram um lugar de expressão, de difusão e de reprodução de uma identidade cultural específica, paralelamente ao crescimento de sua importância econômica. A Feira cresceu e com ela a cidade, numa relação de reciprocidade inquebrantável desde então, resultado do sentido que a população lhe conferiu. Ao mesmo tempo, ocasionou e motivou o desenvolvimento da vida cultural, com as oportunidades criadas e o cenário propício. ■

LUGAR ESTRUTURANTE DE RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Não são somente os patrimônios vivos, artesãos, raizeiros e médicos populares; não é apenas a conjunção da medicina popular com a religião, assim como não são unicamente as localidades em que se dividiu o espaço pesquisado que se constitui em objeto de registro, mas sim a relação de todos eles e de tudo isso com a Feira de Caruaru. Seja pela permanência de elementos de nossa cultura tradicional, pela sua continuidade expressa em muitas situações; seja por conservar a memória viva de práticas socioeconômicas e culturais que fazem parte da formação de uma sociedade; seja pelas redes de sociabilidade ensejadas por essas práticas, vivenciadas na Feira e a partir da Feira, esse conjunto de práticas que surge na descrição de cada feira que faz parte da Grande Feira de Caruaru, constitui também objeto do registro.

A Feira do Gado, a feira primeira, anterior mesmo ao início do povoamento, é memória indelével do Ciclo do Gado, um dos principais responsáveis pela colonização do interior do país, juntamente com as Entradas e Bandeiras. A antiguidade desta feira, o grande êxito comercial aliado à extensão territorial que ocupa, especialmente na época do "boi gordo", além da quantidade de relações socioculturais que desencadeia todas as semanas no setor do lazer, no das negociações de compra e venda, na troca de conhecimentos entre criadores das espécies de animais negociadas. Temos aí, pois, uma imensa circulação oral de saberes, baseados em conhecimentos adquiridos na experiência e nos livros, que se transmitem de forma predominantemente informal.

Do mesmo modo a Feira do Couro pode ser compreendida como uma memória quase museológica do Ciclo do Gado. Do boi tirou-se o couro; do couro fizeram-se calçados, gibões, chapéus, bolsas, alforjes, coletes e outros artigos utilitários e ornamentais. Os artigos de couro, juntamente com a carne e os ossos do gado bovino, marcam a milenar ligação dos seres humanos com este animal. Na formação do povo brasileiro não foi diferente: trazidos por portugueses e espanhóis desde o século 17, o gado tomou conta do interior da colônia, favoreceu a penetração nas terras, conquistou espaços aos indígenas, numa luta inglória, muitas vezes, para os conquistadores, mas que teve também um lado não-violento: as trocas culturais que se tornaram recorrentes entre brancos pobres – migrantes uns, foragidos e fugitivos da justiça outros – indígenas destribalizados, tornados peões



CHAPÉUS DE COURO.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

nas fazendas, e negros fugidos, aquilombados ou não, além de mestiços. Em consequência disso, o caldeamento cultural que se formou nos sertões do país foi de uma consistência tal, que a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz afirmou, em conferência (sem referência), que o interior do Brasil já possuía cultura própria no século 17, bem diversa da européia-ibérica e denominada pela autora de "cultura rústica".

Esta cultura se desenvolveu, modernizou-se em muitos aspectos, manteve-se em suas estruturas básicas, apesar de sempre modificadas em aspectos ornamentais. Deste modo, a Feira do Couro e de Calçados, juntamente com a do Artesanato, guardam a memória do homem nordestino ligada ao boi, por meio dos artefatos confeccionados a partir das diversas partes do animal. Memória forjada nas histórias, nos usos, costumes, no clima, no meio ambiente específico do agreste e do sertão, na experiência adquirida e sempre reinventada.

A Feira do Artesanato, lugar de espelho da identidade nordestina, ostenta claramente a relação entre a Feira de Caruaru em sua totalidade simbólica, e a produção artesanal do município e da região do Agreste Pernambucano. Até a década de 1940, o percurso se dava do Alto do Moura para a feira: os artesãos reconheciam nela o *locus*, o Lugar para a comercialização das criações, que retratavam o seu mundo e seu universo de representações, ancorado na realidade em que viviam. Mesmo com a situação inversa apresentada atualmente, a relação continua: a feira convoca, por assim dizer, para o Alto do Moura; remete para ele. A continuação da atividade por parte de gerações sucessivas de artesãos aí residentes, envolvendo até crianças, demonstra a força da fidelidade à tradição familiar, a reprodução da atividade artística na linha geracional. As condições difíceis, a própria miséria que rondava a existência dos artesãos e suas famílias, não desestimulou o aprendizado nem a paixão pela arte.

Mas esta feira não é só o artesanato. É também o Museu do



ARTESANATO EM PALHA.
FOTO: ALGIR LACERDA.

Cordel com tudo que o envolve: a exposição e a comercialização desta criação artística, tão característica do povo nordestino; as fotos do seu fundador, o mestre Olegário e de outros cordelistas; a exposição de uma antiga prensa de impressão, além da riquíssima exposição de cordéis antigos e mais recentes.

A Feira da Sulanca e a Feira Permanente de Confecções Populares apresentam-se como lições de preservação, reinvenção e reaproveitamento. A Feira da Sulanca foi a primeira instância de escoamento do polo de confecções populares que se iniciou em Caruaru, dali se espraiando para Santa Cruz, Toritama e outros centros menores. A contribuição cultural dessas feiras à Caruaru reside na preservação da criatividade com que se fazia vestimentas masculinas e femininas, a partir dos retalhos vindos de São Paulo e de grandes fábricas do Recife. Simples, mal-acabadas umas, bem-feitas outras, as tentativas de costureiras e costureiros de se superarem melhoraram o padrão com técnicas artesanais de reprodução dos modelos da moda, e permitiram sua organização em miniempresas domésticas. Conforma-se, assim, uma contribuição significativa - a arte de obter nova matéria-prima a partir de sobras de tecidos. Há que destacar, ainda, a apropriação e a reprodução desta forma de criação semiartesanal em outros estados do Nordeste, motivadas pelas experiências bem-sucedidas de geração de emprego e renda do polo pernambucano. Acrescente-se a isto o desenvolvimento atual, em novas configurações, da cultura antiga do trabalho por conta própria, presente neste setor.

A Feira de Artigos de Cama,



GARRAFADAS NA FEIRA DE RAÍZES E ERVAS MEDICINAIS. FOTO: ACERVO INRC

FEIRA DE CARUARU. FELIPE PERES CALHEIROS.

Mesa e Banho, pode ser vista como um misto entre o ofício do artesanato e das confecções. Pela proximidade com a Feira de Artesanato, este setor também retrata a relação entre a Feira de Caruaru, em sua totalidade simbólica, e a produção artesanal tanto deste município quanto das regiões próximas. Abre um leque para a comercialização de produtos típicos da terra e produtos semimanufaturados (redes e mantas próprias de Tacaratu), além do artesanato utilitário da região. Apesar da ligação direta (até no sentido físico) com as duas feiras (Feira de Artesanato e Feira Permanente de confecções populares), esta Feira apresenta um caráter singular e próprio.

A Feira de Raízes e Ervas Medicinais promove a continuidade e transmissão de conhecimentos tradicionais, enquanto lugar de cura. As reminiscências do compositor Onildo Almeida ligadas às "meisinhas" demonstram a referência que os médicos populares, que receitam e vendem remédios fitoterápicos e raizeiros na feira, constituem para feirantes e compradores da região. Esta feira se apresenta, portanto, como um lugar de cura, verdadeiro locus de medicina complementar e, não raro, quase única instância de busca de cura, para além das promessas e votos feitos aos santos e demais entidades curadoras.

Do mesmo modo, a Feira das Flores e Plantas Ornamentais apresenta-se como reprodução familiar de saberes específicos. Um exemplo dos mais eloquentes do caráter familiar de certos tipos de comércio, no sentido de que é exercido por um grupo que possui laços familiares próximos entre si e que passam para seus descendentes, ressaltando o espírito de cooperação mútua e a construção de redes de sociabilidade intrafamiliares. Como também acontece na Feira de Raízes e Ervas Medicinais.

A Feira do Fumo significa a manutenção de modos de fazer tradicionais e de um lugar de sociabilidade específica. Inúmeras práticas de sociabilidade são verdadeiras permanências de costumes que o senso comum

PRODUTOS DE ZINCO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



acredita encerrados pelos hábitos atuais de consumo e lazer e que, no entanto, ao olhar perscrutador da pesquisa, se revelam vigentes e fortes. A permanência do modo de se preparar o tabaco e de se "enrolar o fumo", em cigarros feitos na hora, enquanto se atualizam os causos e se joga conversa fora, traduz usos e costumes que a evolução industrial não deixou para trás. Continuam vivos na memória e nas práticas socioculturais. Tal é o tipo de sociabilidade, sobretudo masculina, que se detecta nesta feira.

A Feira das Ferragens mostra a criatividade popular na produção de bens utilitários. As barracas dividem funções: umas destinam-se à venda de produtos, outras, são pequenas fábricas ou cedidas para depósito. Trata-se, neste caso, de mais um comportamento ditado pela rede de sociabilidades que se desenvolve na feira: ceder espaços para outras atividades como fruto de um costume instalado de ajuda mútua. A sociabilidade ligada à solidariedade entre iguais.

A criatividade presente na atividade de criação e fabrico constitui um destaque, em razão da permanência de hábitos artesanais de reutilização de materiais sucateados, por exemplo, o conjunto de artigos fabricados por meio do reaproveitamento de peças usadas de produtos industrializados.

Um outro aspecto importante é a vizinhança entre a "fábrica", ou a oficina de criação dos produtos, e a barraca de venda: o ressurgimento da antiga instituição da proximidade entre o centro produtor e o comerciante, ambos compartilhando o mesmo prédio, num sistema no qual o comprador influencia diretamente na criação do produto por ele encomendado.

A Feira do Troca-Troca pode ser tomada como a reprodução atual da instituição do escambo. É muito importante que, sempre que surja a ocasião propícia, se conserve e se preserve a memória de práticas socioeconômicas e culturais que constituíram elementos identificadores de nossa cultura, no passado, e que se reproduzem, de algum modo, no presente.

É o que acontece com esta feira que reproduz a antiga instituição do escambo, ou troca de bens utilitários, que decorria da carência de circulação de moeda no interior do Brasil colônia. Trocava-se gêneros alimentícios por artigos de vestuário, de cama, mesa e banho; trocava-se animais, móveis, enfim, trocava-se tudo o que era necessário para a vida cotidiana.

Esta feira é, assim, de importância fundamental no sentido de contribuir para o entendimento das práticas sociais



DOCES E GULOSEIMAS.
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

que forjaram nossa identidade cultural. Ela indica que a memória do costume do troca-troca não se apagou, que a manutenção deste uso entre a população pobre dá validade permanente a esta estratégia de sobrevivência e que tal prática é importante como fonte de sociabilidades e de conhecimentos na área das tecnologias, propiciando a circulação de informações sobre marcas de eletrodomésticos e de outros bens de consumo. Assim, muito dos costumes centenários permanece, se perpetua e se renova na Feira de Caruaru.

A guarda e reprodução da culinária que provém da casa-grande, da senzala, dos sobrados coloniais e das fazendas de gado pode ainda ser vista na Feira dos Bolos. É neste sentido que se justifica sua importância, como parte integrante da memória viva ligada à formação do povo, presente na doçaria própria de alguns estados do Nordeste nos quais se desenvolveu e prosperou o Ciclo do Açúcar. O mesmo vale para o Ciclo do Gado que atingiu o interior do país, propiciando que tropeiros e vaqueiros desenvolvessem formas próprias de escolher o cardápio e de preparar as refeições em pleno campo – com o uso da carne seca, da carne de sol, do feijão verde, da farinha de mandioca, no preparo dos grossos beijus e das tapiocas, além do milho, farto nos sertões, quando em tempo de chuva. Estas formas, por sua vez, influenciaram a culinária das fazendas e, a partir destas, a das cidades e vilas agrestinas e sertanejas. Tudo isso, de algum modo, está representado na Feira dos Bolos, da Goma e dos Doces.

A transmissão geracional de saberes e de estratégias de sobrevivência pode ser verificada na Feira das Frutas e Verduras. Nesta feira, jovens aprendem com os pais a distinguir as diferentes frutas e a identificar as que estão em ótimo estado, sinalizando um aspecto da transmissão oral de conhecimentos por meio de relações familiares, que, por sua vez, se beneficiam da comunicação entre vizinhos. É um tipo de difusão informal de saberes acumulados, ancorada em relações de parentesco, de proximidade e de vizinhança. A observação desta feira mostrou, igualmente, a ocorrência de estratégias de sobrevivência bem vivas nas práticas socioculturais do povo que dela se serve, a exemplo de chefes de famílias de poucos recursos que vão às compras no final da tarde, aproveitando a baixa geral dos preços.

Da parte dos vendedores, há também o costume de, à tarde, arranjar frutas e verduras em kits, dentro de sacos plásticos, com preços bastante reduzidos, à espera

FEIRA NOS ANOS 1970.
FOTO: ALCIR LACERDA.



dessa clientela certa. Além do alcance social dessa prática, nota-se a convergência de interesses entre os que compram e os que vendem, despertando, nestes últimos, modos criativos de oferecer seus produtos, a fim de não perder parte do investimento.

E ainda, o Mercado da Farinha e o Mercado de Carnes também se mostram como espaços representativos da rede de sociabilidades características da Feira. No primeiro, a reprodução desse produto original das Américas e de um tipo de comercialização específico. No segundo, encontra-se um espaço complementar significativo para a Feira do Gado. No caso do Mercado de Farinha, está em jogo um produto amplamente utilizado pelos indígenas, aprendido pelos conquistadores e incorporado em nossas cozinhas coloniais, imperiais e republicanas, ostentando, no entanto, diferenças no emprego culinário e nos modos de fazer na extensão do território nacional. A ligação dos mercados de farinha com as casas de farinha também justifica seu valor patrimonial.

O Mercado de Carnes, por sua vez, foi considerado um bem integrado à Feira de Caruaru por estar incluído como parte da feira livre, além de manter relação direta com a Feira do Gado. Também é importante salientar que ambas as edificações foram construídas, quando da transferência da feira, em 1992, para suprir a necessidade de alocar a venda desses produtos, que estão diretamente ligados à história da Feira de Caruaru.

A Feira Permanente e a Grande Feira dos Importados são instâncias privilegiadas para a observação e reflexão sobre a cultura no momento da globalização. Por este motivo, principalmente, essas duas feiras foram abarcadas como parte do objeto de registro. Tem-se aqui uma mostra eloquente do que se chama de "mudança cultural" para os estudos antropológicos. Neste caso, o conceito abrange a ampliação e o desenvolvimento criativo de práticas comerciais que envolvem redes de sociabilidades, de comunicação e de distribuição, que se tornam serviços e estratégias de sobrevivência para a população carente de recursos,

embora os artigos comercializados provenham de empresas com capacidade comprovada de penetração nos mercados ao redor do mundo. Vale lembrar aqui um dos componentes do conceito de cultura, correspondente aos conjuntos de mecanismos de adaptação ao meio natural, ecológico e também ao meio socioeconômico. Do ponto de vista do sentir popular, essas feiras são exemplos eloquentes da criatividade do povo em saber "se virar", ter jogo de cintura, em adaptar-se constantemente às mudanças das regras do jogo comercial e das políticas repressivas e diretivas, combinando o "herói" e o "malandro", conforme notou o antropólogo Roberto DaMatta (1990).

Por fim, sobre o valor cultural da Feira de Caruaru vale citar trechos do artigo "A Força de uma Feira", de autoria de Eduardo Ferreira (2006):

"A Feira de Caruaru marca a vida e o modo de ser do caruaruense, ao definir o perfil comercial da cidade e consolidar a característica empreendedora dos seus habitantes. Tudo começou numa fazenda, transformada em feira, ampliada em vila e emancipada como cidade. A feira, com mais de nove quilômetros de extensão, forma, com o forró e o artesanato, o tripé econômico e social caruaruense.

(...) Artesãos, compositores, empresários e políticos (...) reconhecem a importância da feira na força do comércio e na formação de empresários arrojados, destacando a importância de Caruaru no cenário estadual, a exemplo de Onildo Almeida, autor de 543 músicas, entre elas a da Feira.

(...) 'Entendo que a feira foi o estopim do processo do setor de confecções', frisa o empresário (Wamberto Barbosa). Este continua: 'Este processo não se daria se começasse pela produção. Ele aconteceu porque se iniciou pelo lado comercial. O empreendedorismo é uma marca da região. Em alguns segmentos, até a forma encontrada de comercialização é de uma criatividade muito grande, como a Feira da Sulanca, ao movimentar capital e quantidade inimagináveis de produtos, como constatou, em 2003, o Sebrae, ao anotar mais de 50 milhões de peças fabricadas por mês na área de influência do polo de Caruaru'.

(...) 'Para o empresário Cláudio Mendonça ... a pujança de Caruaru apóia-se em três pilares – feira, forró e barro. Eles projetam Caruaru. Formam a cultura da cidade'". ■



RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

PÁGINA AO LADO
CORDÉIS.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

Algumas recomendações de salvaguarda para a Feira de Caruaru foram delineadas pelo Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI/Iphan), em parecer técnico apresentado ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural[8], cuja íntegra consta no processo de registro da Feira de Caruaru. Neste parecer foram identificados os principais problemas que afetam atualmente a Feira de Caruaru e encaminhadas as seguintes sugestões para o desenvolvimento de ações de apoio à continuidade das práticas culturais que aí têm lugar:

"O deslocamento das feiras das ruas do centro da cidade para o Parque 18 de Maio promoveu, entre outros efeitos, o seu crescimento e o surgimento ou incorporação de outras feiras, como a dos Importados ou do Paraguai. Ao se proporcionar à feira uma área cerca de seis vezes maior do que aquela que ocupava antes, promoveu-se o seu crescimento em quase 500%, comparando-se dados de 1989 e 2004[9]. Em dias de Feira da Sulanca, por exemplo, as vias públicas ao sul do antigo Campo de Monta são ocupadas por feirantes "invasores" que, na alta estação de vendas, chegam a somar 10.000.[10] Esse processo de retomada das ruas tem promovido o esvaziamento de áreas do parque que estão destinadas às diversas feiras, as quais, mesmo em dias de grande movimento, ficam vazias ou são utilizadas como depósito de mercadorias da Sulanca.

A aglomeração gerada pelo conjunto de feiras, especialmente nos sábados e terças-feiras, tem exacerbado problemas e conflitos relativos tanto à infraestrutura e ao funcionamento desse conjunto, quanto à apropriação e uso da área a ele destinada.[11]

Na primeira ordem de problemas destaca-se a carência de ações educativas envolvendo usuários e feirantes no que toca à produção de dejetos, bem como de um esquema eficiente de recolhimento que diminua a sujeira em alguns setores. Em termo de infraestrutura, a feira de Caruaru também se ressente da falta de espaço apropriado para depósito de mercadorias, o que tem feito com que áreas destinadas à exposição e venda de artesanato estejam sendo alugadas por "sulanqueiros", instaurando-se, assim, um processo de especulação com permissões e espaços da feira que pode se tornar perigoso para o seu futuro.

Outros problemas estão relacionados à organização espacial,

especialmente no que diz respeito à disposição dos acessos às barracas e saídas da feira e à ocupação desses espaços e do estacionamento do parque por vendedores da Feira do Paraguai. A ampliação da Feira do Paraguai é um ponto de conflito com o comércio local, assim como a ocupação de ruas da cidade por esses feirantes em conjunto com os da Sulanca nas terças-feiras.

Teme-se, inclusive, que essa tendência de retomada das vias públicas venha a aprofundar a tendência de transformação dos espaços do parque em meros depósitos de mercadorias, em habitações precárias ou em prostíbulos, como já vem ocorrendo em algumas áreas.[12]

Esse conjunto de questões aponta para a necessidade de melhorias urgentes no sistema de planejamento, gestão, controle e fiscalização do conjunto de feiras da cidade de Caruaru, de modo a se evitar a atratividade excessiva desse conjunto e um crescimento e uma apropriação de espaços descontrolados, o que poderá vir a comprometer seu desempenho e sustentabilidade no longo prazo.

Ações como essas, se adotadas isoladamente, entretanto, não serão suficientes para colocar nos trilhos e conferir equilíbrio a esses processos de expansão da atividade comercial. Outras iniciativas relacionadas à busca de alternativas para a economia local e do entorno também são necessárias para contrabalançar o que já se tornou em Caruaru uma espécie de "monocultura" terciária – situação que tem funcionado no sentido de tornar a cidade um polo de atração de pessoas e atividades, mas tem comprometido sua qualidade urbana, colocando enormes demandas de saneamento básico e infraestrutura, e não tem resolvido o seu problema de desemprego. A taxa de desemprego no município de Caruaru era de 12,28% em 2000.[13]

Além dos problemas de ordem socioespacial e infraestrutural, iniciativas relacionadas à proteção dos conhecimentos tradicionais presentes na feira e dos direitos autorais e de imagem relativos às expressões tradicionais que ali circulam são urgentes e necessárias. Da mesma forma, uma política específica de segurança que leve em conta e respeite aspectos próprios da feira como a prática do escambo, mas afaste os marginais, e forneça o policiamento necessário à segurança de feirantes e usuários.

Por fim, para que os saberes e fazeres tradicionais presentes nas feiras possam melhor resistir à competição com os produtos industrializados ali vendidos, é

BONECAS DE PANO.
FOTO: ALCIR LACERDA.



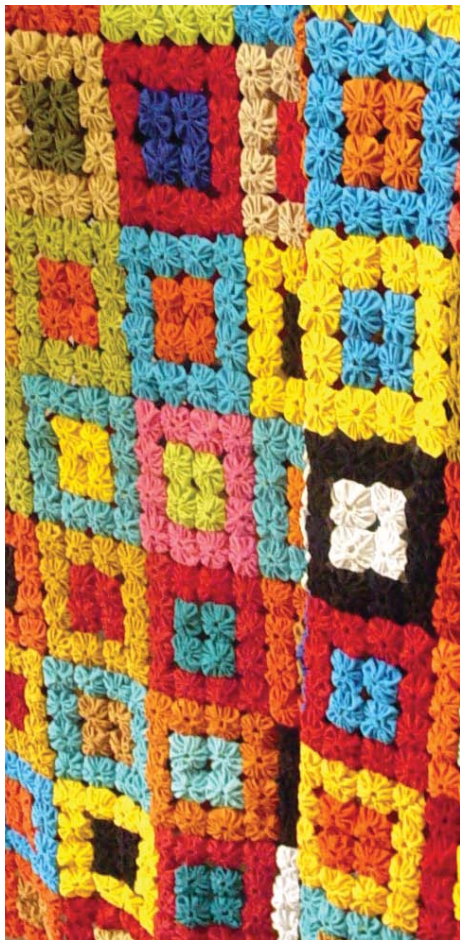
importante a implementação ou o fortalecimento de programas de apoio ao artesão. Esses programas são ainda necessários para que o artesanato de Caruaru não se transforme apenas num conjunto de itens ou suvenires para consumo turístico. Em suma, para que continue tendo valor de uso e permaneça evoluindo como criação e design".

Em 2007 iniciou-se a implementação do Plano de Salvaguarda da Feira de Caruaru. A partir de reuniões realizadas entre os feirantes, a Superintendência Regional do Iphan em Pernambuco, a Prefeitura de Caruaru, entre outras instituições parceiras, foram elaboradas várias medidas em prol da continuidade das práticas socioculturais da Feira. A primeira delas foi o I Concurso de Literatura de Cordel. Foram premiados três cordéis, cujos

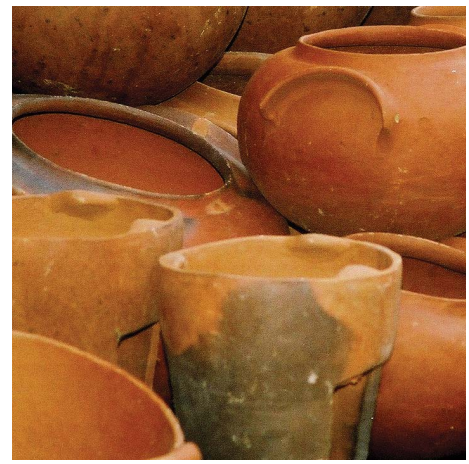
ABAIXO À ESQUERDA
COLCHA DE FUXICOS.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.

ABAIXO À DIREITA
ARTESANATO EM BARRO.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.

PÁGINA AO LADO
OBJETOS DE ARTESANATO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



autores receberam R$ 1.000,00 (mil reais) cada um, bem como 500 exemplares da obra, impressos pelo Iphan, para livre comercialização e/ou divulgação. Também foi desenvolvida uma pesquisa de identificação das dificuldades para a sustentabilidade da Feira. Foram levantadas propostas entre os feirantes para a solução de problemas recorrentes. Esta pesquisa produziu material audiovisual e iconográfico. Ainda em 2008, foi lançado o Programa de Incentivo à Produção de Guloseimas Artesanais, uma iniciativa da Secretaria de Turismo de Caruaru e, ainda, o projeto Cordel nas Escolas, realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Caruaru, e o levantamento preliminar da Diretoria de Turismo sobre as referências culturais do município ameaçadas de desaparecimento. Com estas e outras ações e, principalmente, com a determinação dos feirantes de Caruaru em preservarem esse lugar como um espaço privilegiado de propagação de seus saberes e fazeres é possível vislumbrar o êxito deste Plano de Salvaguarda e a continuidade da dinâmica criativa da Feira por muitas gerações. ■













PÁGINA AO LADO
POTES DE CERÂMICA.
FOTO: ALCIR LACERDA.

NOTAS

1. Capela construída em 1781 na Fazenda Caruru, que, posteriormente, deu origem ao município de Caruaru. Atualmente constitui um marco religioso e importante referência cultural para a cidade.

2. Jornal do Commercio, 18/05/1997.

3. Diário de Pernambuco, 05/06/1984.

4. Jornal Vanguarda, 18/05/2002.

5. Diário de Pernambuco, 15/05/88.

6. O Governo de Pernambuco, em 2005, instituiu o programa intitulado Patrimônios Vivos. A cada ano serão escolhidos artistas populares de diversos tipos de arte, com 60 anos de idade ou mais, nascidos no estado ou que lá habitam há 20 anos ou mais, que tenham transmitido sua arte para seus familiares, alunos e/ou formado grupos para reprodução do seu saber. Os artistas Dila e J. Lopes estão entre os selecionados por este programa em 2005. Todos devem perceber uma ajuda mensal do Governo, de montante igual.

7. Nestes parágrafos referentes à feira atual e ao Alto do Moura, foram usados dados da publicação da Prefeitura de Caruaru: Plano Diretor: Perfil de Caruaru, edição de 2002 (mímeo). A relação das "feiras", no entanto, foi atualizada quanto aos nomes atribuídos pela população local e quanto ao número, a partir da pesquisa de campo e de dados da secretaria de Cultura do município.

8. Parecer nº 005/06-DPI/ Iphan, de Marcia Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial.

9. Miranda, Gustavo, op. Cit, p. 79-95.

10. Idem, p. 60.

11. Miranda, Gustavo, op. Cit, p. 79-95.

12. Idem, p. 92-93.

13. Fonte CPS/IBRE/FGV, a partir de dados do Censo de 2000 do IBGE. Apud Miranda, Gustavo, op. Cit., p. 62.



FONTES BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares:uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BARBALHO, Nelson. Cronologia Pernambucana – subsídios para a história do Agreste e do Sertão – 10º volume. Recife, Centro de Estudos de História Municipal/ Fiam, 1983.

_____. Caruaru de Vila a Cidade – Subsídios para a História do Agreste de Pernambuco, Recife: Editora Universitária UFPE, 1980a.

_____. Trem da Saudade – Parada Obrigatória: Estação Caruaru. Recife: Ed. do Autor, 1980b.

_____. País de Caruaru. Caruaru: Ed. da Fafica, 1974.

_____. Caruru Caruaru – Nótulas subsidiárias para a história do Agreste de Pernambuco. Recife: UFPE, 1972.

_____. Documentos Históricos de Pernambuco – Sesmarias, Vol. IV, p. 98. Recife: s/data.

CERTEAU, Michel de. L'invention du quotidien. Paris: Gallimard, 1990.

CONDÉ, José. Terra de Caruaru. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1960.

DaMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara

DIAS, J. D., Oliveira. Caruaru: subsídios para sua história. Caruaru: Ed. da Prefeitura Municipal, 1971.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Eduardo. "A força de uma feira". In: Revista Algomais, nº 04, pp. 38-42, junho de 2006.

REGADORES DE ZINCO.
FOTO: AURÉLIO FABIAN.



FERREIRA, Josué Euzébio. "Caruaru nos Anos 60: Aspectos histórico-econômicos e educacionais" In: CALADO, Álder Júlio Ferreira (org.). Educação e Protagonismo, João Pessoa: Idéia, 2002.

_____.Ocupação Humana do Agreste Pernambucano – Uma abordagem antropológica para a história de Caruru, João Pessoa: Ideia, 2001.

MIRANDA, Gustavo. Caruaru: a Feira que se fez cidade... Investigando limites potenciais de uma relação espacial. Monografia de Conclusão de Curso em Arquitetura, Recife: UFPE, 2004.

NEVES, André Lemoine. Estudo Morfológico de Cidades do Agreste Pernambucano – Séculos XVIII e XI. Dissertação de Mestrado em Conservação Urbana, apresentada ao MDU. Recife: Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARUARU. Plano Diretor "Perfil de Caruaru – setembro de 2002". Caruaru, 2002

REIS FILHO, Nestor Goulart. Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500-1720). São Paulo: Pioneira/Edusp, 1968

RIBEIRO, Gustavo Lins. "Globalização econômica vinda de baixo". In: Etnográfica, volume 10, nº 2, novembro de 2006.

RODRIGUES Fernando, Kleber. A Feira de Caruaru: Origem Histórica, Questões Econômicas, Sócio-Políticas e Culturais. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Caruaru: Fafica, 1995.

Periódicos Consultados:

The Ford Foundation. Public Markets as a Vehicle for Social Integration and Upward Mobility (Traduzido por Gustavo Miranda). Disponível na Internet em: www.pps.com. Acessado em: 28 de maio de 2004.

Jornal Diário de Pernambuco, Recife. Edições: 05/06/1984; 15/05/1988; 25/12/1992; 16/06/1994.

Jornal do Commercio, Recife. Edições: 01/01/1993; 06/08/1993; 27/02/1994; 14/05/1994; 18/05/1997; 11/07/2002; 28/08/2003.

Jornal Vanguarda, Caruaru. Edição: 18/05/2002.

Revista Serpro, Ano I, nº 10 – maio de 1976.

ANEXO 1

PARECER DO CONSELHO CONSULTIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

PARECER REFERENTE À SOLICITAÇÃO DE REGISTRO DA FEIRA DE CARUARU COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Da Instrução do Processo:

Logo após a promulgação do Decreto 3.551/2000, o Conselho Consultivo recomendou a área técnica do Iphan que instruísse, pelo menos, um processo de Registro relacionado com cada uma das categorias de bens culturais, com vista à consolidação dos procedimentos técnicos e administrativos necessários para os Registros. Um dos bens selecionados para testar a categoria LUGAR foi a Feira de Caruaru. Assim, a partir de 2004 foi iniciado a elaboração do Inventário de Referências Culturais, sob a coordenação da 5ª Superintendência Regional, dirigida por Frederico Faria Neves Almeida, tendo sida incumbida da Coordenação do Projeto a senhora Mabel Leite Maia Neves Batista. Foi, então, realizada uma ampla pesquisa documental e de campo, que incluiu numerosos registros fotográficos e audiovisuais.

Em 8 de março de 2006, foi aberto o Processo nº 01450.002945/2006.24, em atendimento à solicitação encaminhada ao Sr. Presidente do Iphan, em 24 de fevereiro de 2006, pelo Prefeito de Caruaru, Sr. Antonio Geraldo Rodrigues da Silva. Anexas a essa solicitação foram encaminhadas as informações básicas requeridas para a abertura do Processo, além do encaminhamento de quinze pronunciamentos de autoridades e dirigentes de entidades culturais e comerciais da cidade.

Em 25 de setembro de 2006, o Sr. Superintendente da 5ª SR encaminhou ao Departamento do Patrimônio Imaterial a documentação relativa à Instrução do presente processo, fruto do trabalho iniciado dois anos antes. Junto ao Dossiê foram também remetidos CDs e DVDs.

Em 30 de outubro de 2006, a Sra. Marcia Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial, encaminhou à Procuradora Federal e ao Presidente do Iphan, o parecer nº 5, recomendando o prosseguimento do Processo.

Em 10 de novembro, a Dra. Teresa Beatriz da Rosa Miguel, Procuradora Chefe do Iphan, encaminhou ao Sr. Presidente para as providências cabíveis, que foram iniciadas pela publicação do Aviso

no Diário Oficial da União, em 6 de novembro, em conformidade com o parágrafo 5º do artigo 3º do Decreto 3.551/00.

Finalmente, em 22 de novembro o processo foi encaminhado pelo Presidente do Iphan a este Conselheiro, que considera que foram tomadas as medidas legais para a aprovação do Registro da Feira de Caruaru como Patrimônio Cultural Imaterial.

Do histórico da Feira de Caruaru:

Pelos dados contidos no Dossiê podemos resumir a história da Feira de Caruaru. História esta que se inicia no final do século XVII, quando chegam às margens do rio Ipojuca os familiares do cônego Simão Rodrigues de Sá para ocupar as terras que lhes foram concedidas por ato de 2 de junho de 1761, sendo essas terras antes ocupadas por índios Cariri, que a denominavam de Cararu ou Caruaru. Os recém-chegados formaram várias fazendas de gado, sendo que a última, a de Caruaru, data do início do século XVIII.

A fazenda de Caruaru estava situada em um dos caminhos do gado, sendo comum que vaqueiros, tropeiros e mascates a usassem como pouso, como era costume da época.

Em 1791, José Rodrigues de Jesus iniciou a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que foi inaugurada em 5 de outubro de 1782. O lugar tornou-se, ainda mais, um ponto de convergência. Nos domingos e dias santos, os moradores de uma ampla vizinhança dirigiam-se para a capela para "assistir missas, batizados e casamentos, receber as bênçãos do padre, encontrar conhecidos, parentes e compadres". Mais do que um lugar de sociabilidade e religiosidade, a região do entorno da capela foi se transformando em um espaço de trocas comerciais. Os moradores da região traziam os seus produtos (inclusive animais) para serem permutados. É provável que a maioria das transações se efetuasse pelo método do escambo. Os mascates frequentemente apareciam, nessas ocasiões, para oferecer os seus produtos. Pouco a pouco, um pequeno povoado foi se formando ao redor da Capela.

No final do século XVIII, o número de casas aproximava-se de trezentas. Esse crescimento deveu-se, também à construção da Estrada Real, ligando Cabrobó a Recife. Em 1811, o lugarejo tornou-se o distrito de Santo Antão. A Feira

iniciada logo após a inauguração da Capela, continuou crescendo. Esse crescimento foi ainda maior quando, em 1854, iniciou-se a construção da Estrada ligando a Zona da Mata ao Sertão, passando por Gravataí, São José dos Bezerros, Caruaru, São Caetano da Raposa e Pesqueira.

Em 1855, um surto de cólera morbus prejudicou as atividades da Feira, mas a partir de 1863 retomou o seu crescimento, desta vez com grande intensidade. A Guerra Civil americana obrigou aos ingleses procurarem por novos mercados de algodão. A região de Caruaru foi escolhida, surgiram novos investimentos além da construção de Usinas de Beneficiamento e, até mesmo, a construção de uma ferrovia, a Ferrovia Great Western.

Antes disto, em 1857 a Vila de Caruaru foi elevada à categoria de cidade. Tinha então se tornado em um importante centro regional.

No século XX, a Feira foi diversificando o seu campo de atuação. Entre os anos 30 e 60, cresce a indústria de couro em Caruaru. Entre os anos 20 e 40, as vendas de folhetos de cordéis atingem o seu ápice. Nos anos 40 e 50, as boleiras de Caruaru ganham destaque. Pequenas indústrias surgem em Caruaru e cidades vizinhas, sendo que grande parte da produção é comercializada na Feira. A indústria de roupas populares é a maior delas, criando milhares de empregos.

Uma grande modificação ocorreu, em época recente, com a localização da Feira. Em seus primórdios ela circundava a pequena Capela. Já em pleno século XIX, tinha se espalhado pelas ruas centrais da cidade, o que não deixava de causar algum tipo de transtorno. Já em 1853, o Sr. Caetano Alves da Fonseca, vereador, fez uma petição ao Presidente da Província propondo a mudança da Feira para outro lugar, o que provocou uma reação contrária por parte da Câmara Municipal, que alegou que a mesma funcionava naquele lugar há 35 anos. Desde os anos 80 do século 20, com o grande crescimento da cidade e o aumento do número de veículos automotores, a mudança da Feira se tornou um tema constante. Em maio de 1992, a Feira foi transferida para o Parque 18 de Maio, que tem uma área de 154.400 metros quadrados. A extremidade norte do Parque dista apenas 100 metros da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Como já foi dito, a Feira se

diversificou. Para os frequentadores atuais ela é um conjunto de segmentos. Em outras palavras, uma Feira constituída por várias Feiras. Quatro desses segmentos se destacam pela sua dimensão: Feira da Sulanca, Feira do Artesanato, Feira do Gado e a Feira dos Importados (ou do Paraguai). Esses segmentos estão associados a um outro conjunto, a denominada Feira Livre que, por sua vez, é constituída das Feiras de Frutas e Verduras, Feira das Raízes e Ervas Medicinais, Feira do Troca-Troca (que mantém a tradição original do escambo), Feira de Flores e Plantas Ornamentais, Feira do Couro, Feira Permanente de Confecções Populares, Feira dos Bolos, Seção de Gomas e Doces, Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho, Feira das Ferragens e Feira do Fumo. A maior parte delas funciona de segunda à sábado, mas algumas têm um funcionamento mais restrito, como a do Gado que somente funciona um dia por semana.

Embora no Dossiê exista uma descrição minuciosa de cada uma dessas Feiras, nos limitamos apenas a sua enumeração devido a exiguidade de espaço e tempo. Contudo faremos uma breve menção para cada uma das Quatro Feiras que não estão incluídas na Feira Livre.

A Feira da Sulanca funciona em uma área diminuta do Parque, com a exceção das terças-feiras, quando a sua dimensão atinge 39.635 metros quadrados, ocupando as ruas próximas ao Parque. Mobiliza cerca de 22 mil vendedores, grande parte deles vindo das cidades vizinhas. O seu principal produto são confecções populares, que são vendidas em carroças, carros e até mesmo em sacolas. A sua importância decorre do fato de comercializar os produtos de cerca de 12.000 empreendimentos industriais, gerando 76.000 empregos.

A Feira de Artesanatos é talvez a mais procurada pelos turistas. Funciona de segunda à sábado. Entre os artesanatos comercializados destacam-se os de barro, tornados famosos pelo Mestre Vitalino. Os seus ateliês continuam, como no tempo do Mestre Vitalino, no Alto do Moura. A cerâmica utilitária é tão antiga quanto a própria Feira, mas foi Vitalino que inovou ao criar o que chamou de "louças de brincadeiras", inicialmente miniaturas de peças utilitárias, destinadas a serem brinquedos para crianças; em seguida, peças representando seres humanos e animais; e, finalmente cenas dos costumes locais. Vitalino deixou um grande número de seguidores, sendo

Manuel Eudócio o mais conhecido. A Feira do Gado é a mais distante do Parque, está situada no bairro do Cajá, defronte ao Aeroporto de Caruaru. Funciona apenas na quarta-feira, mas desde a segunda-feira a atividade é intensa com a chegada dos participantes e seus rebanhos. A comercialização não é apenas do gado bovino, mas também de cavalos, bodes, artigos em couro e utensílios indispensáveis para as atividades dos vaqueiros. É necessário lembrar que o comércio de gado faz parte das atividades da Feira de Caruaru desde o seu início.

A Feira dos Importados está localizada em lugar contíguo ao da Feira da Sulanca e o fluxo maior de compras ocorre nos dias que esta funciona. Grande parte dos produtos vendidos é importada do Paraguai, daí o nome popular dessa Feira. São relógios, carteiras, rádios, pilhas, bijuterias, perfumes, aparelhos eletrônicos, televisores, câmaras, celulares etc. O fato de que muitos dos objetos vendidos são falsificados ou importados ilegalmente, levou a coordenação técnica do Projeto a não incluir a Feira do Paraguai dentre as Feiras de Caruaru, "embora ela possua uma tal riqueza de significados para a população que tem um lugar importante como centro de relações e de contatos culturais".

Essa descrição, baseada no Relatório Técnico elaborado pelo Coordenador da Equipe Técnica Externa, Bartolomeu Figuerôa de Medeiros (Frei Tito), demonstra a complexidade da Feira e mostra como diz a canção de Onildo Almeida, popularizada pela voz de Luiz Gonzaga: "De tudo o que há no mundo, ela tem para vender".

Do Parecer:

Em nossa herança cultural, proveniente de nossos antepassados europeus, as Feiras ocupam um lugar importante. Não é à toa que essa palavra é utilizada em nosso vocabulário para designar os dias da semana. O significado da palavra nos remete a um lugar destinado a um comércio aberto que acontece apenas em alguns dias do ano, geralmente associados às festas religiosas.
Com muita frequência, como aconteceu com Caruaru, as Feiras são responsáveis pelo surgimento de cidades. No século XII, a Feira de Champagne estabelecia um vínculo entre Flandres e a Itália. Na mesma época eram também importantes as Feiras de Frankfurt e Antuérpia. Já naquela época, as feiras periódicas não constituíam apenas um lugar de trocas e transações comerciais, mas também um espaço para a

sociabilidade e o divertimento: "ciganos, saltadores, acrobatas, e outros performancistas vagavam de feira em feira divertindo os seus variados públicos com suas cambalhotas e contorções. Os dias santos eram também feriados e também uma oportunidade para o divertimento comunitário" (cf. Walter Minchinton, "Patterns and Structure of Demands, 1500-1750, in The Fontana Economic History of Europe, ed. Carlo Cipolla, Collins/ Fontana Books, Londres, 1976).

Portanto, o referencial de uma Feira é o lugar, e o lugar é Caruaru. Não importa que, no final do século XX, a Feira tenha trocado as ruas pelo Parque. Foi uma adaptação aos novos tempos, mas vimos que a força da tradição delongou essa mudança por mais de um século.

A Feira de Caruaru são muitas feiras. O coordenador técnico externo, em seu parecer, recomendou no final da descrição de cada feira que esta fosse incluída no Registro. Em apenas um caso ele adiou essa decisão (Feira dos Importados). O Relator tem uma opinião divergente: o Registro deve ser da Feira de Caruaru como um lugar, sem a necessidade de estender para cada de seus segmentos. Pois, com a exceção de um núcleo fundador que permanece, os demais segmentos podem se transformar ou desaparecer, em função das transformações da própria sociedade e da própria cultura. No século XIX não havia Feira dos Importados, talvez no século vindouro será outra a configuração dos diferentes segmentos que a compõem. Mas a Feira de Caruaru continuará com as sua tradição e suas inovações, com as suas histórias, frutos do imaginário de Rosinhas e Raimundos, gentes simples do Agreste, que encontraram na Feira o seu trabalho e o seu sustento.

Finalmente, o parecer do Relator é favorável ao Registro da Feira de Caruaru, no livro dos lugares, como Patrimônio Cultural do Brasil.

Observação: Para a elaboração deste Parecer o relator utilizou os dados contidos no Dossiê, principalmente os do Relatório da Comissão Técnica Externa, redigido por Bartolomeu Figueirôa de Medeiros, da Universidade Federal de Pernambuco, e do Parecer da Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial, Marcia Sant'Anna.

Santos, 7 de dezembro de 2006.

Roque de Barros Laraia
Conselheiro

ANEXO 2
TITULAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

TITULAÇÃO

Eu, Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, na qualidade de Presidente do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em decorrência do Registro no Livro dos Lugares, e, de acordo com o artigo quinto do Decreto número três mil quinhentos e cinqüenta e um, de quatro de agosto de dois mil, *CONFIRO* o título de ***Patrimônio Cultural do Brasil*** à "Feira de Caruaru", localizada no município de Caruaru, estado de Pernambuco.

Brasília, DF, 09 de fevereiro de 2007.

Luiz Fernando de Almeida

Presidente
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

ANEXO 3
MAPA DA FEIRA DE CARUARU

LEGENDA DE CORES:

- Animais/carne
- Bolos/goma/farinha/queijos
- Frutas/verduras/cereais
- Lanchonetes/refeições
- Flores
- Artesanato
- Latas/utensílios domésticos
- Roupas/calçados
- Redes/cama, mesa e banho
- Ervas/Raízes
- Produtos importados
- Estacionamento
- Rio Ipojuca

LEGENDA - DIVISÕES DA FEIRA DE CARUARU:

1 Feira da Sulanca
2 Feira de Calçados
3 Feira do Paraguai
5 Feira de Artesanato
7 Feira de Frutas e Verduras
8 Mercado de Carne
10 Feira de Cereais
12 Feira de Confecções
14 Feira de Flores
16 Calçados 18 de Maio
17 Feira de Bijuterias e Miudezas
18 Lanches 18 de Maio
19 Ferragens e Utilidades
21 Feira de Ervas
31 Mercado de Farinha
32 Casa dos Pobres (exterior)
35 Lanche 18 de Maio L2
36 Lanche 18 de Maio L3
37 Feira de Massas
39 Mercado de Farinha (exterior)

Obs.: Divisão numérica feita pelo Depto. de Feiras e Mercados/ PMC



PÁGINA AO LADO
MINIATURA DE
PAU-DE-ARARA EM BARRO.
FOTO: ACERVO INRC
FEIRA DE CARUARU.
FELIPE PERES CALHEIROS.



Este livro foi produzido
no verão de 2009 para o
Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES

F299 Feira de Caruaru. _ Brasília, DF : Iphan, 2009.
116 p. : il. color. ; 25 cm. + CD ROM. – (Dossiê Iphan ; 9)

ISBN: 978-85-7334-134-8

1. Feiras - Caruaru (PE). 2. Patrimônio Imaterial. 3. Patrimônio Cultural - Brasil. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Série.

Iphan/Brasilia-DF CDD 394.6098134


IPHAN